

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:
A COBERTURA DO MASSACRE NA ESCOLA
MUNICIPAL TASSO DA SILVEIRA, NO RIO DE
JANEIRO, NO *EXTRA***

BRUNO DIAS BARBOSA

RIO DE JANEIRO

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
JORNALISMO

**ENTRE O JORNALISMO E A LITERATURA:
A COBERTURA DO MASSACRE NA ESCOLA
MUNICIPAL TASSO DA SILVEIRA, NO RIO DE
JANEIRO, NO *EXTRA***

Monografia submetida à Banca de Graduação
como requisito para obtenção do diploma de
Comunicação Social/ Jornalismo.

BRUNO DIAS BARBOSA

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas

RIO DE JANEIRO

2011

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

TERMO DE APROVAÇÃO

A Comissão Examinadora, abaixo assinada, avalia a Monografia **Entre o jornalismo e a literatura: a cobertura do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, no *Extra***, elaborada por Bruno Dias Barbosa.

Monografia examinada:

Rio de Janeiro, no dia 07/12/2011

Comissão Examinadora:

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Siqueira Travancas
Doutora em Letras pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

Prof. Paulo César Castro de Sousa
Doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ
Departamento de Comunicação -. UFRJ

Prof. Paulo Roberto Pires de Oliveira Jr.
Mestre em Comunicação Social pela Escola de Comunicação - UFRJ
Departamento de Comunicação - UFRJ

RIO DE JANEIRO

2011

FICHA CATALOGRÁFICA

BARBOSA, Bruno Dias.

Entre o jornalismo e a literatura: a cobertura do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, no *Extra*. Rio de Janeiro, 2011.

Monografia (Graduação em Comunicação Social/ Jornalismo) – Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Escola de Comunicação – ECO.

Orientadora: Isabel Siqueira Travancas

BARBOSA, Bruno Dias. **Entre o jornalismo e a literatura: a cobertura do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, no *Extra***. Orientadora: Isabel Siqueira Travancas. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

RESUMO

Este trabalho discute as possíveis intersecções entre o jornalismo e a literatura através da análise de um conjunto de reportagens do jornal *Extra*, sobre o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro. Pretende-se com esta pesquisa investigar quais os recursos literários que poderiam ser utilizados no texto jornalístico de forma a enriquecê-lo. O debate acerca do uso desses elementos textuais é apoiado em um referencial teórico sobre os limites e as semelhanças entre a linguagem jornalística e literária. Assim sendo, as análises do jornal *Extra* revelam que a separação entre a literatura e o jornalismo é feita por uma linha tênue. O jornalista pode utilizar recursos literários para compor reportagens mais contextualizadas e abrangentes.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Literatura; Jornal *Extra*

BARBOSA, Bruno Dias. **Entre o jornalismo e a literatura: a cobertura do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro, no *Extra***. Orientadora: Isabel Siqueira Travancas. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO. Monografia em Jornalismo.

ABSTRACT

This paper discusses the possible intersections between journalism and literature through the analysis of a series of articles from the Brazilian newspaper *Extra* about a massacre at a public school in Rio de Janeiro. The aim of this research was to investigate how and which literary devices might be used in journalistic texts in order to enrich them. The debate about the use of these textual devices is based on the work of researchers that study the boundaries and similarities between the journalistic and literary languages. The analysis of the articles revealed that there is a thin line between journalism and literature. A journalist might use literary devices in order to write articles that are more contextualized and offer a broader view of the story being reported.

KEYWORDS: Journalism; Literature; Extra Newspaper

Dedico este trabalho as Marias da minha vida.
A Maria José, pelo amor incondicional.
E a Maria de Lourdes, pela razão do meu viver.

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil percorrer esse caminho. Mas tenho a certeza de que nunca estive sozinho diante dos obstáculos que se apresentaram durante essa trajetória. Escutei muitas palavras de incentivo nos momentos em que já não tinha mais ânimo para caminhar. E, hoje, ao escrever essas letras, eu só tenho a agradecer a todas as pessoas que me ajudaram a concluir essa etapa tão importante da minha vida.

A minha família por ser tão querida e amada. Sem ela nada teria sentido. O amor que sinto por cada um de vocês é imensurável.

Ao meu avô, Arnaldo, um homem tão especial. Você é o exemplo que tenho em minha vida. Aprendi tudo com você. Os meus valores e o meu caráter foram moldados na sua presença. Obrigado por ser tão generoso comigo e com meus irmãos. Você é a peça fundamental que une a todos nós.

A minha mãe, Maria de Lourdes, por ser o meu porto seguro. Você não me deixa cair. Está sempre ao meu lado quando preciso. Não existe tempo ruim ou algo impossível para você. Obrigado por voltar. Eu não escolheria outra mãe para ter que não fosse você.

Ao meu pai, Manuel, que é um guerreiro. Você nunca foi muito afetivo e sempre estive ocupado com o trabalho. Mesmo assim, eu nunca tive dúvida do seu amor por essa família. Eu te admiro, pai. Tenho orgulho de ter um pai tão esforçado e trabalhador. Com você, eu aprendi que a gente nunca deve desistir.

Aos meus irmãos, Roberto e Daniel. Vocês dois me completam. Eu não seria quem eu sou se não os tivesse em minha vida. Como é bom compartilhar as minhas alegrias e tristezas com vocês. Mais do que irmãos, eu os tenho como amigos. Roberto, obrigado por salvar a minha vida (literalmente). Dani, obrigado por estar por perto. A casa não é a mesma coisa sem a sua presença.

A Livia, minha irmã tão amada. Você trouxe luz para a minha vida depois de muito tempo de tristeza. Mais do que uma irmã, eu a tenho como uma filha. Não tenho palavras pra expressar tanto amor. Obrigado por ser essa criança tão carinhosa.

Aos meus amigos, Diego Leyser e Silvia Castro, duas pessoas que escolhi a dedo para me acompanharem durante a minha jornada. Tenho vocês como meus irmãos. Di, obrigado por ser esse amigo que não preciso de palavras para me expressar. Basta apenas um olhar para nos entendermos. Você é uma figura muito especial em meu coração. Si, obrigado por ser essa amiga tão amada. Você é peça fundamental nesse trabalho. Foi através do seu incentivo que fiz a prova para a UFRJ, e transformei um sonho em realidade. Obrigado por manter os meus pés no chão sempre que preciso. Amo vocês!

Ao Charles Asevedo por ser um companheiro. Você mudou o sentido da minha vida e trouxe cor aos meus sonhos. Obrigado por todos os momentos juntos.

À professora Isabel Travancas, que deu forma a minha idéia. Obrigado pela atenção e dedicação ao longo desse ano. Com sua orientação, eu pude lapidar o meu pensamento para transformá-lo em algo concreto. Esse trabalho é nosso.

Não posso fechar esse agradecimento sem citar a minha avó, Maria José. Eu penso em você a cada dia que eu acordo. Você é o meu anjo da guarda. Obrigado por me acompanhar e me olhar do céu. Eu te amo!

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	09
2. JORNALISMO E LITERATURA.....	14
2.1 O que é jornalismo?.....	16
2.2 O que é literatura?.....	20
2.3 Uma relação de longa data.....	23
3. JORNALISMO LITERÁRIO.....	28
3.1 A estrela de sete pontas.....	29
3.2 Literatura e jornalismo: recursos de um no texto do outro.....	32
3.3 A estética e a literatura.....	36
3.4 A estética e sua influência no jornalismo.....	38
4. O JORNAL <i>EXTRA</i>.....	41
4.1 A denúncia como trajetória premiada.....	42
4.2 A estrutura que deu certo.....	44
4.3 <i>Extra, Extra!</i> Massacre em escola municipal do Rio de Janeiro.....	45
4.4 Foco: a cobertura do jornal <i>Extra</i> da tragédia em Realengo.....	46
4.5 O Jornal <i>Extra</i> e o recursos literários na reportagem.....	48
5. POR DENTRO DO FATO.....	56
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	59
REFERÊNCIAS.....	62

1. INTRODUÇÃO

Em 1904, o jornalista e escritor João do Rio realizou uma série de entrevistas com os principais intelectuais do período. Das cinco questões elaboradas por ele, uma destacava-se como central para a sua pesquisa: “o jornalismo, especialmente no Brasil, é um fator bom ou mau para a arte literária?”. As perguntas de João do Rio foram enviadas a mais de cem pessoas, mas a série, publicada na *Gazeta de Notícias*¹, foi resultado de onze entrevistas e 25 cartas de autores, que responderam às suas questões. Depois de três anos, João do Rio reuniu as repostas no livro *O momento literário*, que é um relato da vida intelectual brasileira de seu tempo.

A indagação feita por João do Rio sobre a convivência entre a literatura e o jornalismo, no início do século XX, ainda é amplamente discutida nos dias de hoje. Em 2005, a professora Cristiane Costa realizou uma série de entrevistas que tinha como objetivo analisar a divisão entre o fazer jornalístico e o fazer literário. Costa ainda traça no livro *Pena de Aluguel* um paralelo ao longo da história da imprensa que identifica os elementos que aproximaram ou afastaram a literatura do jornalismo e vice-versa, citando como exemplos a criação do folhetim no século XIX e a adesão ao *lead* no século XX.

As indagações de João do Rio e Cristiane Costa foram fundamentais para a existência deste trabalho. Foi através da leitura desses autores que surgiu a pergunta primordial dessa dissertação: “a literatura é um fator bom ou mau para o jornalismo brasileiro?”. Pretende-se nesta monografia investigar a relação entre a narrativa literária e a narrativa jornalística, evidenciando como a literatura é utilizada pela mídia impressa, de forma a contribuir com a estética do texto jornalístico. Para exemplificar melhor essa questão, considero como objeto de estudo as reportagens do jornal *Extra* sobre o massacre da Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro.

¹ A *Gazeta de Notícias* foi um periódico lançado no Rio de Janeiro em 1875. O impresso circulou até 1942, quando fechou as portas. Durante o seu tempo, o jornal não teve medo de inovar ao abrir espaço para a literatura, com a publicação de folhetins.

A polêmica em torno da dicotomia jornalismo *versus* literatura trata das possíveis e/ou impossíveis utilizações dos dois gêneros tanto na prática diária da imprensa quanto na atividade do literato. O principal argumento que afasta a literatura do jornalismo é que a narrativa literária tende a ser subjetiva, a palavra não é vista como portadora de informação, e sim de significação. Enquanto isso, a narrativa jornalística tem uma função utilitária, e tem um compromisso com a verdade e com a informação. O jornalismo permitiria apenas a reprodução da realidade através da observação do fato pelo jornalista.

A literatura e o jornalismo têm elementos em suas narrativas que os caracterizam e os distinguem. No entanto, tentarei demonstrar com essa pesquisa que a qualidade do texto, de ambos os discursos, são reflexos da emoção, do envolvimento, da criatividade, que tanto o jornalista quanto o literato emprestam ao seu ofício. A discussão acerca dessa dicotomia não é simples e não está restrita a uma única resposta positiva ou negativa sobre essa relação entre o jornal e as letras. Pretende-se com esse trabalho discutir a possibilidade de o jornalismo utilizar os diferentes recursos lingüísticos, incluindo os literários, na composição dos textos noticiosos.

A atividade jornalística do século XXI é marcada pelo ritmo veloz que o mercado exige dos veículos de imprensa. A informação é difundida em intervalos curtos e ininterruptos. Devido a essa característica industrial à qual sua produção está intimamente ligada, as empresas de comunicação fragmentam a notícia para atender aos horários e prazos que precisam ser cumpridos pelo repórter. O resultado é que a informação que chega ao leitor não lhe dá ampla noção do fato, pois dados importantes deixam de constar da reportagem.

As perguntas básicas do *lead*² (O quê?, Quem?, Quando?, Onde? Como?, Por quê?, e Pra quê?) são suficientes para informar o leitor? A contextualização de uma reportagem estaria presente apenas na resposta dessas perguntas ou o trabalho do repórter vai além delas? O objetivo desse trabalho é investigar o texto do jornalista. Evidenciar outras abordagens que podem ser utilizadas pelos repórteres,

² Lead é um termo em inglês que significa liderar, conduzir, comandar. Em jornalismo, ele é designado como “a abertura de uma **notícia**, **reportagem** (grifo do autor) etc., onde se apresenta sucintamente o assunto ou se destaca o fato essencial, o **clímax** (grifo do autor) da história. (RABAÇA & BARBOSA, 1995:360)

complementando o aprendizado adquirido durante os quatro anos do curso de jornalismo.

Para colaborar com a minha pesquisa, procurei estudiosos que são referências no campo da literatura e do jornalismo. Dentre os já citados João do Rio e Cristiane Costa, afirmo a importância de autores como Antonio Olinto, Oswaldo Coimbra, Nilson Lage, João Domingues Maia, Rocha Lima, Felipe Pena, Muniz Sodré, Bill Kovach, Tom Resenstiel, Juarez Bahia, Marcelo Bulhões e Carlos Alberto Vicchiatti, na construção da minha análise sobre jornalismo e literatura. Através desses autores, pude elaborar a minha pesquisa, e relacionar seus pensamentos sobre o tema proposto.

Creio ser necessário explicar por que a minha escolha recaiu sobre as reportagens do jornal *Extra* do massacre da Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro. Primeiramente, eu acompanhei toda a cobertura sobre a tragédia que aconteceu no colégio de Realengo, e, de todos os jornais lidos, o *Extra* foi o impresso que mais me impactou com a sua reportagem. A maneira escolhida pelos repórteres foi além da simples reprodução do fato. Arrisco dizer, ainda, que existia em algumas matérias um teor literário. Não quero, em momento algum, afirmar que se tratava de literatura e não de jornalismo. Pelo contrário, a minha intenção é pesquisar essa maneira híbrida entre o fazer jornalístico e o fazer literário. Apontar através desse estudo de caso opções textuais que ajudem a atividade jornalística na obtenção de uma minuciosa observação da realidade.

Neste sentido, sinto-me na obrigação de citar dois termos fundamentais para este trabalho, que encontrei durante as primeiras leituras para a minha pesquisa. Eles são: “linguagem morta” e “jornalismo mecânico”. O primeiro termo é utilizado por Antonio Olinto, em seu livro *Jornalismo e Literatura* (1968), para designar a linguagem mais fácil empregada no serviço diário de jornal. Olinto afirma que essa prática imobiliza a notícia em palavras sem repercussão nos que lêem, tornando-se uma linguagem morta. Já o segundo, é utilizado pelo professor Carlos Alberto Vicchiatti, em seu livro *Jornalismo: literatura e compromisso social* (2005), no qual associa o ato informativo, sem contextualização para o leitor a uma fórmula fria que ele chama de “jornalismo mecânico”. A minha preocupação em explicitar esses termos é por ter como objetivo mostrar como a literatura unida ao jornalismo pode produzir uma linguagem mais rica

em estilo e em informação. Dessa forma, irei dialogar com os termos propostos por Olinto e Vicchiatti durante esse trabalho.

A investigação da existência de recursos literários nas narrativas do jornal *Extra* será realizada através de um *corpus* de cinco reportagens sobre o massacre da escola de Realengo, que foram publicadas no período de 8 a 10 de abril de 2011. Dentre as matérias selecionadas estão dois perfis do assassino Wellington Menezes de Oliveira. Vale ressaltar que os recursos textuais que irei citar nessa pesquisa foram baseados em autores como João Domingues Maia (1991), Oswaldo Coimbra (1993) e Felipe Pena (2008).

No segundo capítulo, “Jornalismo e Literatura”, apresento as características que definem cada um dos gêneros. Através da leitura de estudiosos de ambas as áreas, construo um panorama para explicar o que é jornalismo e o que é literatura. Aproveito também, para situar através de um breve relato da história da imprensa, os momentos em que o jornalismo e a literatura compartilharam as primeiras redações de impressos brasileiros. Afinal, muitos escritores e poetas participaram ativamente no desenvolvimento da atividade jornalística durante o século XIX.

No capítulo seguinte, aponto de que forma alguns movimentos nos Estados Unidos, durante a segunda metade do século XX, colaboraram para situar o jornalismo como um gênero literário. Ainda neste capítulo, exponho as principais características do jornalismo literário de acordo com o professor Felipe Pena (2008). Por fim, apresento através dos estudos de Carlos Alberto Vicchiatti, uma questão fundamental para a existência desse trabalho, que é a importância da estética no texto jornalístico. Mostro como a apuração rigorosa do repórter ajuda na contextualização do fato, permitindo ao leitor ter uma interpretação individual da realidade.

A análise do jornal *Extra* é o tema do quarto capítulo. Antes de investigar a presença de recursos literários nas reportagens do impresso, apresentarei a história do jornal, que pertence à Infoglobo Comunicações. Em seguida, introduzirei o caso escolhido para esta análise, explicitando os fatos do massacre na Escola Municipal de Realengo, no Rio de Janeiro, que aconteceu no dia 7 de abril de 2011. Depois disso, cito os critérios de literariedade (foco narrativo, contextualização, tempo e espaço, criação e recriação da realidade, plurissignificação, busca da subjetividade, linguagem narrativa e perenidade) escolhidos para a análise, baseado em autores como Maia (1991), Coimbra

(1993) e Pena (2008). O objetivo não é enquadrar o texto do impresso em jornalístico ou literário, mas sim evidenciar a utilização desses recursos na composição da narrativa.

O quinto capítulo tem como base a entrevista feita com a repórter do *Extra*, Clarissa Monteagudo, em 1º de novembro de 2011. A jornalista revela os bastidores da cobertura do massacre na escola de Realengo, e conta que o editor-chefe do jornal, Octávio Guedes, pediu que a apuração da tragédia fosse conduzida de uma maneira diferenciada e que os repórteres tivessem um cuidado maior na produção de seus textos. Clarissa menciona também a necessidade de um diferencial no texto do jornal para que ele possa competir com outras mídias (internet, rádio, televisão, e etc.) que divulgam a notícia de forma mais imediata, logo após o fato. Surgiu, ainda, desse encontro um conceito expresso por Monteagudo chamado de “arqueologia do campo simbólico”, no qual a repórter escolheria os vocábulos de sua matéria de acordo com as características do personagem principal do fato. Ou seja, a preocupação com a estética e com o aspecto simbólico são elementos valorizados pela jornalista.

Com este trabalho pretendo mostrar que os gêneros literários e jornalísticos não são excludentes. Pelo contrário, ao mesmo tempo em que eles preservam suas características, que os distinguem, eles se completam. Acredito que a semelhança discursiva pode beneficiar o repórter para elaborar textos minuciosos, contextualizados, que ultrapassam o campo da informação objetiva. Desejo ressaltar ainda que os recursos literários quando utilizados no texto jornalístico contribuem para a qualidade da narrativa que pretende ser construída. Somado a isso, quero destacar que o jornalismo está ligado à apuração rigorosa dos fatos, ressaltando o seu compromisso com a verdade e a realidade. Penso que esta investigação poderá colaborar para ajudar a perceber os pontos de contato entre a literatura e o jornalismo e, também, evidenciar as possibilidades de utilização de elementos literários no discurso jornalístico, de forma a enriquecê-lo.

2. JORNALISMO E LITERATURA

A relação entre o jornalismo e a literatura faz parte da história da imprensa brasileira. Contudo, com a profissionalização do ofício do jornalista, a literatura perdeu seu espaço nos jornais. O objetivo desse trabalho é, portanto, indagar se os dois gêneros podem habitar as páginas dos impressos. E, também, se a utilização de recursos literários, no jornalismo, não fere um de seus princípios tão difundidos, que é a imparcialidade jornalística.

O debate acerca da dicotomia jornalismo/literatura gira em torno das possíveis e/ou impossíveis intersecções entre os dois gêneros, tanto na atividade da imprensa quanto na literatura, uma vez que cada uma possui características próprias. Enquanto o jornalismo tem o compromisso com a realidade e com a informação, a literatura tende a ser subjetiva e imagética, recriando a realidade. Essa separação entre os gêneros ficou mais acirrada com a adoção do modelo norte-americano de jornalismo no Brasil, que valoriza o factual e não a opinião. A linguagem jornalística deveria, segundo este padrão, ater-se ao essencial, evitando ornamentos lingüísticos, o rebuscamento vocabular, ou seja, tudo que dificulte a compreensão do leitor. Segundo o professor Marcelo Bulhões, o padrão jornalístico norte-americano é um dos elementos que atrapalham a convivência harmônica entre jornalismo e literatura.

Um dos grandes entraves na relação entre jornalismo e literatura é o padrão jornalístico consolidado nos Estados Unidos. Gostemos ou não, ele é hegemônico no mundo contemporâneo – e isso já dura um bom tempo-, ou seja, o jornalismo atualmente praticado na Alemanha, na Itália, no Brasil, no Chile, na Argentina, na Espanha, na França etc. é uma configuração que resultou das maneiras peculiares com que tais localidades nacionais ajustaram e adaptaram o modelo americano. E, segundo os preceitos de tal modelo, a literatura não se cruzaria com o jornalismo. Como também se sabe, tal padrão elaborado no século XIX destoava exemplarmente do modelo francês, no qual a literatura era bem-vinda ao interior da prática textual do jornalismo (BULHÕES, 2007: 29).

O texto jornalístico tem uma função utilitária: informar. Já o texto literário tem uma função estética: o conteúdo é criado, de modo tal que não importa o que é dito, mas como se diz, ou seja, na literatura a palavra não é vista como portadora de informação, e sim de significação. Assim, o escritor pode recriar a realidade segundo a sua visão. Já o jornalismo permite apenas a interpretação da realidade percebida através da observação.

Contudo, o jornalista pode utilizar diferentes recursos lingüísticos, inclusive literários, na produção de uma reportagem. Nesse caso, ele foge das amarras da linguagem jornalística para compor um texto que busque uma nova visão do fato que gerou a notícia.

Literatura e jornalismo certamente têm elementos em suas narrativas que as caracterizam e as distinguem, mas a qualidade do texto, suas emoções, seus envolvimento, sua criatividade não parecem ser responsáveis por essa distinção. O texto de jornal (sempre adotado como exemplo para a nossa análise) deve ter agilidade, precisão, clareza, mas nada impede que tenham detalhes que reproduzam o contato com a vida, que despertem a ternura ou a emoção (...). Literatura e jornalismo são dois territórios diferentes, mas não territórios separados por barreiras intransponíveis que impeçam as apropriações, os entrelaçamentos. Ao contrário, são tênues os limites entre eles, por vezes imperceptíveis (VICCHIATTI, 2005: 83-84).

O jornalismo desenvolveu novos parâmetros de escrita, linguagem e estilo que deixaram a literariedade em segundo plano, contudo, ela ainda está presente no texto do jornalista. Durante o século XX, o jornalismo foi adquirindo características próprias. O estilo de escrita foi diferenciando o jornalismo da literatura, com sua exigência de precisão, clareza e simplicidade. Contudo, vale ressaltar que, Vicchiatti (2007:83) afirma que o jornalismo tenta transpor o limite da linguagem literária para incorporar dela os elementos que possam auxiliá-lo na conquista de seu principal objetivo: o leitor, o ouvinte ou telespectador.

Uma das discussões acerca da distinção entre os gêneros é de que a literatura apenas se dá pela elaboração de um mundo ficcional, enquanto o jornalismo é permeado pelos fatos “reais” da sociedade. O literato apenas recriaria o mundo. Ele não seria influenciado pela realidade. Bulhões (2007:46) afirma que mesmo mantendo uma autonomia em relação aos fatores externos como a dependência à ordem econômica – que é um item que move o jornalismo – isso não significa que a literatura é isenta de influência de fatores externos e contextuais. Para o professor, a linguagem e as formas literárias são resultantes de determinado momento histórico. Elas corresponderiam a uma dada realidade temporal, com suas condições materiais de existência. A literatura viveria numa eterna condição material já que ao mesmo tempo em que é livre pelo poder criativo e transformador da linguagem, ela também fornece marcas identificadoras que a conectam a determinada época. Esse argumento exposto por

Bulhões é compartilhado pela professora Marialva Barbosa em seu livro *História Cultural da Imprensa* (2007). Para Barbosa, o texto literário serve como registro de uma época.

Visualizar a literatura como registro de uma época significa considerar que um autor deixa transparecer na sua obra não apenas sua subjetividade, mas também seu próprio tempo. Significa também perceber o papel decisivo da linguagem nas descrições e concepções históricas. O texto literário – artefato de criação de um autor que constitui ambientes e valores nos seus relatos – espelha a visão de um mundo, as representações, as idéias de um dado momento histórico-cultural, podendo ser lido como materialização de formas de pensar, das emoções e do imaginário de um dado período. Uma narrativa só ganha sentido porque a ela é atribuída uma coerência, ao se transformar, para o leitor, numa forma reconhecível de descrição da existência. Ao se tornar familiar, torna-se inteligível (BARBOSA,2007:127).

Mesmo diante de tantas distinções entre jornalismo e literatura, percebe-se que uma linha tênue separa esses dois gêneros. Para o crítico Amoroso Lima (LIMA apud SODRÉ, 2009: 138), o jornalismo é considerado um gênero literário. Ele estaria enquadrado na literatura como “prosa de apreciação de acontecimentos”, ao lado da crítica (apreciação de obras) e da biografia (apreciação de pessoas). De acordo com Lima, o critério da realidade não bastaria para separar o jornalismo da ficção, uma vez que a ficção “não é o mundo da irrealidade, mas dos símbolos, da estilização da realidade”. Já para Olinto (OLINTO apud SODRÉ, 2009: 139) o jornalismo seria a “literatura sob pressão” (pressão de tempo e espaço). Para ele, não existe diferença técnica entre os dois elementos, contudo, ele destaca um item que demarca essa distinção: a intensidade. Segundo o autor, o jornalismo é uma literatura de consumo imediato. O texto jornalístico possui um caráter efêmero. Ou seja, a notícia tem valor durante um breve momento, deixando de ser importante a cada dia que se afasta mais do fato ocorrido. Já a literatura constrói narrativas que se perpetuam por gerações.

2.1 O que é jornalismo?

O ofício do jornalista é caracterizado pelo uso de uma linguagem simples e objetiva, e tem o compromisso com a realidade. O texto jornalístico é definido como informativo, que inclui notícias, reportagens, entrevistas ou texto opinativo, como as crônicas, editoriais, colunas e artigos.

A reportagem é considerada o gênero nobre do jornalismo, uma vez que seu processo de criação está ligado à apuração dos fatos e à criatividade. Para Sodré e Ferrari (1986:75) a reportagem é, “uma narrativa com personagens, ação dramática e descrições de ambiente, separada, entretanto da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa”. Já para Kovach e Rosenstiel, o jornalismo está intimamente ligado à verificação dos fatos:

No fim, a disciplina da verificação é o que separa o jornalismo do entretenimento, da propaganda, da literatura ou da arte. O entretenimento – e seu primo infotainment – se concentra no que é mais divertido. A propaganda seleciona os fatos ou os inventa para servir a um propósito, que é a persuasão ou manipulação. A literatura inventa cenários para chegar a uma impressão mais pessoal do que chama verdade. Só o jornalismo se concentra primeiro em registrar direito o que aconteceu (KOVACH & ROSENSTIEL, 2004: 113).

A preocupação em reportar o fato da maneira mais fiel ao acontecimento é uma característica primordial do jornalismo. Seria através desse cuidado que o jornalista produziria uma matéria imparcial, sem juízo de valor que oriente o leitor. Dessa maneira, o jornal mostra para o seu público que tem um compromisso com a verdade e que a informação gerada pelo veículo é segura, e, por isso, vale a pena ser um leitor desse impresso. Esse ideal de imparcialidade é visto como impossível por Patrick Charaudeau, já que é através dos olhos do repórter que a notícia é construída. Dessa forma, a informação é rica em subjetividade do profissional que reproduz o fato.

Não há captura da realidade empírica que não passe pelo filtro de um ponto de vista particular, o qual constrói o objeto particular que é dado como fragmento do real. Sempre que tentamos dar conta da realidade empírica, estamos às voltas com um real construído, e não com a própria realidade. Defender a idéia de que existe uma realidade ontológica oculta e que, para desvelá-la, é necessário explodir falsas aparências, seria reviver um positivismo de má qualidade (CHARAUDEAU, 2006:131).

Ainda de acordo com o autor, o jornalista interpreta e analisa o acontecimento diante de sua própria racionalidade, de sua própria cultura, tudo isso combinado às técnicas jornalísticas. Nesse caso, o repórter tem a função de testemunha esclarecida – o que aumenta a responsabilidade em relatar fielmente o fato, pois a narrativa que constrói não pode prescindir da visada da captação (CHARAUDEAU, 2006:157).

Um dos princípios mais difundidos no jornalismo é que o profissional tem a “verdade” como primeira obrigação de seu ofício. A busca pela exatidão, a equidade e a verdade fazem parte do cotidiano dos jornalistas. As notícias servem como um instrumento que orienta as pessoas perante o mundo e mostram o seu papel na sociedade. O leitor diante de uma informação tira suas próprias conclusões. A matéria jornalística é um meio de reflexão para aquele que lê. Diante desse argumento, é imprescindível que os veículos de comunicação tenham a verdade como elemento primordial para publicar uma matéria. Embora essa preocupação seja importante para a prática jornalística, ela também serviu para criar a idéia da imprensa como um quarto poder. Já que a imprensa seria imparcial e só diria a verdade, o leitor poderia confiar no que está escrito nos jornais.

Segundo Kovach e Resenstiel (2004), a promessa de veracidade dos meios de comunicação logo se tornou uma parte poderosa nas primeiras tentativas de marketing do jornalismo. Os jornais utilizavam (e utilizam) esse ideal para mostrar aos leitores que o compromisso com a verdade era o único objetivo do veículo. Contudo, a prática nem sempre foi fiel à teoria. William Randolph Hearst e Joseph Pulitzer – magnatas, donos de veículos de comunicação no século XIX – foram nomes que marcaram a história do jornalismo por praticarem um jornalismo que ficou taxado de “imprensa marrom”. Uma das características dos impressos de Hearst e Pulitzer era a notícia com um tom de sensacionalismo, em busca de uma grande audiência ou vendagem. Muitas vezes o fato ganhava retoques para ficar mais interessante para o leitor. Um dos exemplos citados por Kovach e Resenstiel (2004: 64) foi o uso de um gato como personagem em notícias de naufrágios. Segundo os autores, um repórter fez uma matéria de um navio acidentado e viu um gato ser salvo pelos tripulantes. Ele o transformou em personagem de sua notícia. Os outros veículos que não tocaram no assunto, perderam o furo. Então, a partir desse momento, todo naufrágio ganhava um felino como “enfeite”. A idéia era trazer uma sensação de realismo à notícia.

O jornalista tem um dever para com o leitor e, por isso, a verdade é um dos pilares do ofício de um repórter ético. Mesmo assim, muitas empresas de comunicação enaltecem esse ideal de produção da notícia que está atrás da verdade. Sim, nós, jornalistas, estamos sempre atrás do fato que gerou a notícia, da sua forma mais genuína. Segundo Kovach e Ronsenstiel, a verdade faz parte do método de trabalho do

jornalista. Aliás, é essa busca pela verdade jornalística que diferencia a profissão de todas as outras formas de comunicação.

E, como veremos, essa “verdade jornalística” é muito mais do que simples precisão. É um processo seletivo que se desenvolve entre a matéria inicial e a interação entre o público leitor e os jornalistas, ao longo do tempo. Esse princípio básico do jornalismo – a busca desinteressada da verdade – é, em última instância, o que diferencia a profissão de todas as outras formas de comunicação (KOVACH & RESENSTIEL, 2004: 68).

O trabalho jornalístico consiste em quatro etapas, cada qual com suas funções e particularidades: pauta, apuração, redação e edição. A pauta é a seleção dos assuntos que serão abordados. A apuração é o processo de averiguar informação em estado bruto (dados, nomes, números e etc.). Ela é feita através de documentos e pessoas que fornecem informações (fontes). A redação é o tratamento das informações em forma de texto verbal. Pode resultar em texto para impresso (jornais, revistas e sites) ou lido (rádio, TV e cinema). A edição é a finalização do material redigido em produto de comunicação, hierarquizando o conteúdo e organizando a informação que será apresentada. Através dessas etapas, a notícia é construída. O repórter tem como papel utilizar a técnica para produzir a informação que chegará ao leitor. Com bom senso e ética, a matéria reproduz os fatos da forma mais fiel possível. Para o professor Nilson Lage (2006), o jornal está cada vez mais ligado à reportagem do que a notícia.

O futuro do jornal parece estar mais ligado à reportagem. Essa palavra tem dois sentidos: por um lado, designa o setor das redações que trata da apuração e da codificação de dados, em geral; por outro, um gênero jornalístico diferente da notícia por vários aspectos. O primeiro deles é que a reportagem não cuida da cobertura de um fato singular ou de uma série de fatos, mas do levantamento de um assunto ou do relato de um episódio complexo, de acordo com um ângulo preestabelecido (LAGE, 2006: 54).

Lage está definindo dois conceitos jornalísticos muito encontrados nos impressos: a notícia e a reportagem. Para o professor, o segundo está mais ligado à verificação dos fatos, portanto, mais perto do alcance da “verdade”. Para ele, essa característica é que fará o jornal sobreviver no futuro. A idéia de uma matéria jornalística que aprofunda o tema é cada vez mais importante para a área de comunicação. Não estou querendo generalizar o ideal de que a verdade é absoluta, mas sim, ressaltar que o aprofundamento é essencial para o jornalista. De acordo com Lage,

a notícia e a reportagem diferenciam-se desde a definição da pauta. As notícias são indicações de fatos programados, da continuação (suíte) de eventos já ocorridos e dos quais se espera desdobramentos. A reportagem supõe outro nível de planejamento. Os assuntos estão sempre disponíveis e podem ou não ser atualizados por um acontecimento (LAGE, 2006: 55).

2.2 O que é literatura?

A definição acerca do que é literatura já foi tema de discussão de diversos autores ao longo da história. Desde os gregos, ela tem sido objeto de estudo. Platão, no texto *A República*³, e Aristóteles, no texto *Arte Poética*⁴, dedicaram-se a tais investigações e, ainda hoje, são referências para a teoria literária. Para os filósofos, a literatura seria a imitação (mimese) da realidade. Depois desse primeiro momento, a palavra literatura teve outros significados. Na Era Moderna, ela era usada no sentido de gramática. Isso perdurou até o século XVIII, quando teve o seu conceito ligado à arte.

Através da literatura, nós temos contato com um conjunto de experiências vividas pelo homem sem que seja preciso vivenciá-las. A literatura também é um instrumento de comunicação, pois é capaz de transmitir os conhecimentos e a cultura para o leitor. A literatura se lança diante das mil possibilidades que a língua escrita oferece ao escritor. Através dela, o artista conduz suas histórias usando artifícios que a linguagem possibilita para criar e recriar realidades. Para o professor Gustavo Bernardo (2005: 89), a literatura obtém todas as verdades, ao contrário do mundo real, que seria formado por todas as incertezas. O mundo da ficção conteria as certezas de que precisamos para sobreviver. Bernardo argumenta que tanto a ciência quanto a história podem ser modificadas com o passar dos anos. As leis da gravitação, de Isaac Newton, podem ser alteradas, bem como o dia em que Napoleão Bonaparte foi morto. Contudo, ninguém pode duvidar de que a verdadeira identidade do Super-Homem é o jornalista

³ A República é um diálogo escrito pelo filósofo grego Platão, no século IV a.C. Nessa obra, ele expõe suas idéias políticas, filosóficas, estéticas e jurídicas. O autor imaginou um estado ideal, sustentado no conceito de justiça.

⁴ O texto Arte Poética foi originado das anotações das aulas do filósofo grego Aristóteles sobre o tema da poesia e da arte.

Clark Kent. Nem mesmo de que Hamlet não se casou com Ofélia. O mundo da ficção conteria certezas inquestionáveis.

Posso negar que Jesus fosse filho de Deus, ou até pôr em dúvida sua existência histórica, mas convivo com outras pessoas que crêm em Jesus como o filho de Deus, ou que afirmam que ele de fato viveu e pregou nos anos iniciais da Era Comum. Eu respeito essas pessoas, porque não tenho certeza nem de uma coisa nem da outra – mas não posso respeitar da mesma maneira quem afirme que Hamlet teve três filhos com Ofélia ou que o Super-Homem seria, na verdade, Lois Lane (BERNARDO, 2005: 90).

Gustavo Bernardo afirma que a ficção “desrealiza” o real para criar uma nova realidade, mais segura, portanto, mais concreta do que aquela que se encontrava no ponto de partida. Segundo o estudioso, a ficção literária seria capaz de tornar alguns momentos mais verdadeiros do que a própria vida.

Leio sobre a morte de Antígona e me comovo por inteiro, como talvez não o faça quando morre uma pessoa da minha estima. Se morre alguém que existe de verdade e quero muito, demoro muito a realizar, isto é, tornar real esta morte, quer porque preciso cuidar do velório e de outras pessoas que estão sofrendo, quer porque ainda não suporto realizar a própria realidade. Se quem morre, todavia, é o personagem daquele livro em que me embarquei suspendendo toda a descrença prévia, posso realizar a dor tão completamente que chego a fingir que é a dor que deveras sinto: vivo essa morte, se entendem o paradoxo, como se fosse mais real, ou seja, mais intensa, do que uma morte “real” (BERNARDO, 2005: 91).

Através dos argumentos de Gustavo Bernardo percebe-se que a literatura pode criar sensações no leitor. O escritor utiliza recursos lingüísticos para materializar seus pensamentos. Uma das características dos textos literários é que eles não são obrigados a se prender às verdades desse “mundo” para criar suas narrativas.

O texto literário possui certas características que o distingue dos textos não-literários, que são: ficcionalidade (os textos não fazem, necessariamente, parte da realidade), função estética (o artista apresenta a sua visão da realidade), plurissignificação (as palavras assumem diferentes significados) e subjetividade (expressão pessoal de experiências, emoções e sentimentos). O texto científico se preocupa em usar as palavras no sentido objetivo e conciso, enquanto o texto literário utiliza metáforas para provocar reações emocionais nos receptores.

Segundo o acadêmico Domício Proença Filho (1986: 37), o discurso da literatura caracteriza-se por sua complexidade. Já no discurso não-literário, há um relacionamento imediato com o referente, ou seja, o signo é preservado em sua transparência, a significação é singular. Essa capacidade de transformar e potencializar os significados das palavras é uma das principais características da linguagem literária. O poeta Ezra Pound define a literatura desse modo: “Literatura é linguagem carregada de significado. Grande literatura é simplesmente linguagem carregada de significado até o máximo grau possível” (POUND apud CEREJA & MAGALHÃES, 2000: 38). A multissignificação possibilita ao literato reinterpretar os signos lingüísticos, as frases, dando-lhes um significado variado e múltiplo. Essa utilização conotativa da língua no texto literário não atrapalharia a comunicação.

A literatura pode ser um instrumento de criação de outros mundos, sem conexão com a realidade. Contudo, ela mantém um vínculo com o tempo em que foi criada. O texto literário tem como matéria prima a língua (falada e escrita), e esta acompanha as mudanças culturais, as transformações do mundo. Ou seja, por mais que um texto literário se remeta à ficção, sua escrita possui uma marca que caracteriza o período de sua criação.

Como todo tipo de arte, a literatura está vinculada à sociedade em que se origina. Não há artistas completamente indiferentes à realidade, pois, de alguma forma, todos participam dos problemas vividos pela sociedade, apesar das diferenças de interesse e de classe social. Partindo das experiências pessoais e sociais, o artista recria ou transcreve a realidade, dando origem a uma supra-realidade ou a uma realidade ficcional. Por meio dessa supra-realidade, ele consegue transmitir seus sentimentos e idéias ao mundo real, onde tudo se origina [...] Assim, a obra literária é um objeto vivo, resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade. E, como outras obras de arte, ela não só nasce vinculada a certa realidade, mas também pode interferir nessa realidade, auxiliando no processo de transformação social (CEREJA & MAGALHÃES, 2000:39/40).

Ainda ressalto que enquanto o texto jornalístico está voltado para a realidade, o texto literário está preocupado com a expressão, que nele é tão ou mais importante do que a realidade retratada pelo poeta e/ou escritor (CEREJA & MAGALHÃES, 2000:31). A literatura apresenta o texto de forma singular, única e insubstituível.

É importante destacar que o estudo da literatura é uma forma de aprendermos sobre a evolução do homem. Através das obras literárias acompanhamos o desenvolvimento cronológico de determinado povo e cultura. Observamos as transformações ocorridas na sociedade e mapeamos diversos momentos históricos. A história do homem está documentada nas obras literárias construídas ao longo dos séculos. O texto literário é escrito para permanecer vivo por várias gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual.

A seguir, apresentarei parte da história da imprensa, revelando que literatura e jornalismo caminharam juntos desde os primeiros anos de criação das primeiras redações de jornais. Ressalto que foram muitos os poetas e escritores que fizeram parte do desenvolvimento da atividade jornalística no Brasil durante o século XIX.

2.3 Uma relação de longa data

A prensa gráfica só chegou ao Brasil em 1808, juntamente com a família Real. Enquanto os países na Europa já vivenciavam a invenção de Gutemberg⁵ há quase três séculos, o Brasil dava os primeiros passos para a criação de uma imprensa local. A função inicial da imprensa era comunicar os assuntos sobre a monarquia e relatar os acontecimentos políticos. A informação não tinha aprofundamento. A censura era exercida, no âmbito dos territórios pertencentes à nação portuguesa, pelo poder civil (Ordinário e Desembargo do Paço) e, também, pelo poder eclesial (Santo Ofício). Os parâmetros adotados para a intervenção nas obras impressas eram: religiosos, políticos e morais (MARTINS & DE LUCA, 2008: 24). Tal prática acontecia também em outros lugares do mundo, às vezes com menor ou maior intensidade. Vale ressaltar que nem todas as pessoas tinham acesso aos primeiros impressos que circulavam na colônia portuguesa. O conteúdo era distante da realidade da grande maioria da população.

O atraso para a formação de uma imprensa brasileira está intimamente ligado à constituição histórica do país, que inicialmente era apenas uma colônia de exploração.

⁵ No século XV, o alemão Johannes Gutemberg inventou a prensa gráfica. A sua invenção permitiu a divulgação e cópia muito mais rápida de livros e jornais. Foi o primeiro método de impressão em grande escala.

Portugal não tinha nenhum outro interesse na colônia que não fosse a exploração de suas riquezas. Faltava um sentido de nação que unisse o povo. O Brasil recém-descoberto era formado, em sua maioria, de força braçal e não intelectual.

O surgimento da imprensa aconteceu num momento em que a sociedade estava em mutação. A cena pública passava por transformações nas relações de poder que diziam respeito a amplos setores da hierarquia da sociedade, nas suas dimensões políticas e sociais. Houve uma conjectura de fatores que possibilitaram a criação de uma imprensa local. Os estudantes, que se formavam na Europa, voltavam para o Brasil cheios de pensamentos revolucionários. A circulação de palavras – faladas, manuscritas ou impressas – não se fechava em fronteiras sociais e perpassava amplos setores da sociedade, que estava prestes a tornar-se brasileira. A palavra não ficava apenas num pequeno círculo de letrados, embora eles detivessem o poder de produção e leitura direta da imprensa. Já na passagem do século XVIII para o XIX, grupos políticos se organizavam baseados em vínculos diferenciados, como vizinhança, parentesco, trabalho (livre ou escravo), afinidades intelectuais e etc. Esses elementos deram origem à formação de uma opinião pública⁶ na colônia.

O primeiro jornal oficial que apareceu no Brasil foi o *Diário do Rio de Janeiro*. Em contraposição, circulava clandestinamente o *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa, que era feito na Inglaterra. Esses jornais foram os primeiros impressos dentro de um modelo que já existia em outros países europeus. Enquanto o Brasil estava dando seus primeiros passos, a França já tinha sofrido uma grande revolução criada por um ideal nacional, incentivado pelo jornalismo. Nos Estados Unidos, o jornal foi um aliado que permitiu as treze colônias libertarem-se da Inglaterra. É importante destacar que o jornalismo não foi o único motivador, mas sim, um entre outros fatores que puderam criar um sentimento de nação que até então não existia. Para as historiadoras Ana Luiza

⁶ A opinião pública é atribuída à opinião de uma sociedade. Ela é designada por um senso comum (conjunto) no qual as pessoas seguem um padrão ético-moral, que estão ligados a sua cultura, condições sociais e, até mesmo, a religião. Para o filósofo alemão Jürgen Habermas (2003:398), para que a opinião pública seja constituída é necessário existir liberdade de expressão, de reunião e de associação. Para ele, o acesso a esses direitos deveriam ser garantidos a todos os cidadãos.

Martins e Tania Regina de Luca, a nação brasileira surge, ao mesmo tempo, que a imprensa brasileira.

A nação brasileira nasce e cresce com a imprensa. Uma explica a outra. Amadurecem juntas. Os primeiros periódicos iriam assistir à transformação da colônia em Império e participar intensamente do processo. A imprensa é, a um só tempo, objeto e sujeito da história brasileira (MARTINS & DE LUCA, 2008:29).

No Brasil, os resultados foram praticamente imediatos. Apenas um ano após a criação de uma imprensa local, aconteceu a primeira revolução na colônia pela criação de uma república. Era o início de várias revoltas para um Brasil independente. Em 7 de setembro de 1822, apenas quatorze anos após a criação da Imprensa Régia, o príncipe regente Dom Pedro declarou oficialmente a separação entre a colônia que governava e Portugal. Ou seja, a partir daquele momento o Brasil tornava-se um país independente.

No século XIX, o jornalismo assimilava novas características com os avanços técnicos. A divisão que existia da política nos jornais e da literatura nas revistas fundia-se agora no jornal, pois eram literatos os homens de imprensa que acabavam por fazer política. Interrompia-se a produção de escritos por representantes do clero e pelos egressos da Universidade de Coimbra. Transferiu-se a oratória sacra dos púlpitos para o jornal. A imprensa tornou-se instrumento decisivo para o exercício político e literário formando uma produção legítima de expressão e síntese do país.

Durante os anos iniciais da imprensa, o jornalismo convivia com a literatura nas páginas dos impressos. Os literatos dividiam-se entre a arte (literatura) e a técnica (jornalismo). Eles se submetiam às redações dos jornais para se sustentar. A influência dos escritores nos periódicos marcou a história do jornalismo. A escrita utilizada por eles era rebuscada. As notícias eram carregadas de apelo dramático e viravam verdadeiros contos do cotidiano. Muitos escritores renomados emprestaram seus dons literários ao jornalismo, entre eles destacam-se: José de Alencar, Machado de Assis, Olavo Bilac, Coelho Neto, Lima Barreto, Nelson Rodrigues, entre outros.

A discussão sobre jornalismo e literatura remonta ao século XIX. Para os literatos, o jornal era apenas uma forma de sustento, e nada mais. Vale citar o depoimento de Silva Ramos dado a João do Rio no livro *O momento literário*, em 1907. Indagado se o jornalismo no Brasil era um fator bom ou mau para a arte literária, Ramos respondeu que “para a arte literária é mau, para o literato é bom”. Mau pelo aspecto

comercial da arte e bom porque o poeta não morria mais de fome. Para o escritor que se submetia ao jornalismo no século XIX, o trabalho na redação de um jornal era comparado à prostituição de sua arte. Raimundo Correia declarou para João do Rio que “o jornalismo não era um fator, mas sim um subtraendo” (CORREIA apud COSTA, 2005: 21).

A transição da linguagem literária para a jornalística foi conseqüência do processo comercial dos jornais. O principal motivo foi criar uma linguagem mais objetiva, informativa, de interesse do público e de fácil acesso. A transição da linguagem literária para uma mais acessível não foi bem vista por muitos letrados da época. O texto jornalístico que surgia seria uma escrita pobre, sem refinamento. Contudo, essa interseção dos gêneros não possuía uma fronteira delimitada. Qual é o limite entre o jornalismo e a literatura? A discussão em torno dessa dicotomia é vasta. O professor Luiz Gonzaga Motta tenta explicitar a complexidade em torno dessa discussão. Segundo os argumentos do teórico, essa relação possui uma linha tênue que vez ou outra aproxima os diferentes gêneros em uma completude a favor da narrativa.

Mesmo levando em conta a superficialidade, a fugacidade e a banalidade, os relatos das notícias apresentam certos elementos estéticos que os aproximam de alguns gêneros literários (a crônica, o conto, a novela, a tragédia, a comédia). Enquanto empalavrando a realidade, as notícias são atos criativos (MOTTA, 2006:48).

O ato de escrever não está ligado apenas à técnica lingüística, ele está intrinsecamente associado ao ato criativo do jornalista. Ele precisa refletir para conduzir seu texto por uma narrativa que informe e atraia a atenção do leitor. A linguagem popular que surge no século XIX foi fundamental para a criação de um método jornalístico, que valoriza a concisão e a objetividade do texto. A diferenciação do texto literário e do texto jornalístico estava sendo demarcada naquele momento.

O desenvolvimento dos meios de comunicação permitiu a configuração de um cenário em que a profissionalização do jornalista tornou-se necessária. Mesmo diante do ensino institucionalizado da prática jornalística percebemos que a literatura e o jornalismo, vez ou outra, ainda se cruzam a favor do discurso.

A seguir, discutirei como os movimentos surgidos na segunda metade do século XX nos Estados Unidos caracterizaram o jornalismo como um gênero literário. Ainda

no próximo capítulo, argumento como esse momento foi fundamental para que a literatura não fosse desprezada pela atividade jornalística, mostrando que o gênero literário pode emprestar os seus recursos para o texto jornalístico na composição da notícia. E mais: como a estética, elemento valorizado pela literatura, pode ajudar a construir uma narrativa minuciosa na observação da realidade, através de textos que humanizem o relato, contribuindo para que o leitor tenha uma contextualização do fato.

3. JORNALISMO LITERÁRIO

O jornalismo literário é um gênero do jornalismo que busca utilizar as técnicas literárias para narrar os fatos. A utilização deste modelo partiu de uma preocupação em fazer um jornalismo ligado a uma narrativa minuciosa da realidade, revelando um mundo subjacente àquele já encontrado nos noticiários. O jornalismo literário prima pela utilização de uma perspectiva subjetivista aliada ao texto objetivo, característico da atividade jornalística. Nesse tipo de jornalismo, o repórter utiliza-se de técnicas da literatura na captação, redação e edição de reportagens. Essa escolha pelo jornalismo literário não prejudicaria a fidelidade dos fatos, o compromisso que o jornal possui com a realidade. Ela contribuiria para que o leitor tivesse uma visão ampla para interpretar a verdade reproduzida na reportagem.

O desenvolvimento do jornalismo literário no Brasil foi intenso durante o século XIX. Mas foi em 1970, através da revista *Realidade*, da Editora Abril, que a prática ganhou força no país, sendo utilizada em grandes reportagens. No texto de Sergio Vilas-Boas, *A hegemonia da aparência nas revistas*⁷ (2004), ele afirma que os praticantes do jornalismo literário ficaram conhecidos por realizarem reportagens, perfis, crônicas, ensaios, com vivacidade, reflexão e estilo. Vilas-Boas revela que os jornalistas inseriam diálogos com travessões, faziam descrições minuciosas (de lugares, feições, objetos, e etc.), alternavam o foco narrativo, podendo o narrador ser um observador onipresente, testemunha ou participante dos acontecimentos. Segundo o autor, os repórteres penetravam na mente dos seus personagens reais para construir pensamentos, sentimentos e emoções com base em pesquisas e entrevistas interativas.

Nos Estados Unidos, a reportagem publicada pela revista *New Yorker*, em 1946, sobre os sobreviventes da bomba atômica a Hiroshima, foi um marco para a prática do jornalismo literário. O texto da publicação teve uma narrativa detalhada sobre o fato. A matéria ocupou toda a edição da revista. É importante citar, ainda, os jornalistas e escritores como Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese, que experimentaram uma maneira de atravessar as fronteiras entre o jornalismo e a

⁷ Disponível em: <http://www.abjl.org.br/>. Acesso em: 10/07/2011.

literatura, abrindo caminho, durante o *New Journalism*⁸, para a união, mesmo que temporária, entre o jornal e as letras.

Diante dos fatos expostos até o momento, percebe-se que o jornalismo literário serviu como uma alternativa para o repórter fugir da atividade jornalística tecnicista e buscar uma nova maneira de escrita, que valorizasse os recursos literários. O professor Felipe Pena (2008) apresenta em seu livro, *Jornalismo Literário* (2008), as principais características desse estilo de jornalismo.

3.1 A estrela de Pena e os recursos literários

O conceito chamado por Pena de “a estrela de sete pontas” (2008: 13-16) é um modelo com as principais características do jornalismo literário. O estudioso separa os critérios da composição de um texto jornalístico-literário em sete elementos fundamentais. Cada item é imprescindível para formar um conjunto harmônico. Para o autor, esse modelo permite ao jornalismo literário:

potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do *lead*, evitar os definidores primários e garantir a perenidade e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos (PENA, 2008:13).

O jornalismo consegue potencializar os seus recursos quando o jornalista desenvolve suas técnicas narrativas de tal maneira que, segundo o autor, constituiria novas estratégias profissionais. O que ele quer dizer é que os princípios da redação

⁸ O *New Journalism* (Novo Jornalismo) é um gênero jornalístico que surgiu nos Estados Unidos durante a década de 1960. A sua principal característica é misturar a narrativa jornalística com a literária. Esse tipo de jornalismo foi uma atitude que se processou na prática textual desenvolvida em alguns jornais e revistas americanas, que configuraram em grandes narrativas com feição de romance. Bulhões (2007:146) afirma que “o fato de o *New Journalism* ter surgido ali é sintomático de uma atitude de reação”. Afinal, o modelo norte-americano de jornalismo se desenvolveu como sinônimo de prática textual pré-moldada, cujo texto jornalístico passava por uma estrutura similar à linha de produção industrial. Dessa forma, Bulhões compreende que o *New Journalism* adquiriu uma postura libertária.

jornalística são extremamente importantes. Alguns exemplos citados por ele são: a apuração que deve ser cada vez mais rigorosa (isso seria o desenvolvimento da técnica), uma observação atenta do fato, a abordagem ética e a capacidade de se expressar claramente.

O segundo ponto proposto é que o jornalista deve romper com a periodicidade e a atualidade. Para Pena (2008:14), isso significa “ultrapassar os limites do acontecimento cotidiano”, não se preocupando apenas com o prazo de entrega da reportagem. De acordo com o estudioso, o repórter não deveria se limitar em noticiar apenas o fato ocorrido. O objetivo seria ir além da reprodução do acontecimento. Ele o aconselha a ultrapassar estes limites para proporcionar uma visão ampla da realidade. Está é a terceira ponta da estrela de Felipe Pena.

A contextualização ampla é uma característica valorizada no jornalismo literário. O repórter deve proporcionar visões amplas da realidade, buscando contextualizar ao máximo a informação. O autor afirma que “uma abordagem, de qualquer assunto, nunca passará de um recorte, uma interpretação, por mais completa que seja” (PENA, 2008:14). Ele afirma que para conseguir uma visão ampla no curto espaço de tempo de um jornal, é preciso mastigar as informações, relacioná-las com outros fatos e compará-las com diferentes abordagens.

Exercitar a cidadania é outro item que Felipe Pena aborda. Segundo o professor, o repórter não pode ignorar o compromisso que tem com a sociedade. Com isso, o tema de suas matérias deve ser escolhido, de alguma forma, pensando na formação do cidadão. O autor ainda afirma que isso não é um simples clichê, mas o que ele chama de “espírito público”.

A quinta característica do jornalismo literário está na busca pela subjetividade. O jornalista rompe com as correntes do *lead*. O que ele sugere é que com essa atitude se quebre a pasteurização dos textos. A padronização imposta pelo *lead* criaria textos com falta de criatividade, elegância e estilo. Pena aconselha ao jornalista a aplicar técnicas literárias na construção narrativa, sem temer a subjetividade.

A sexta característica elegida pelo autor é que o texto jornalístico evite os definidores primários. Pena utiliza o termo para designar os entrevistados que sempre aparecem na imprensa, como autoridades e especialistas renomados. Segundo ele, esses personagens já são legitimados por serem fontes oficiais. O que o autor sugere é que o

repórter crie alternativas, pontos de vistas que nunca foram abordados. Ou seja, busque novos personagens para a matéria.

A sétima ponta da estrela é a perenidade. A obra para estar nos preceitos do jornalismo literário não pode ser superficial, efêmera. O objetivo do repórter é o da permanência. Ele não escreve só para o amanhã, ele escreve para que o texto fique no imaginário do leitor. Para isso, Pena (2008:16) afirma que “é preciso fazer uma construção sistêmica do enredo, levando em conta que a realidade é multifacetada, fruto de infinitas relações, articuladas em teias de complexidade e indeterminação”.

Uma vez elencadas as características do jornalismo literário, apresentarei uma lista de recursos textuais que são utilizados na construção da obra literária. Após a leitura dos textos de autores como José Domingues Maia (1991: 79-87), Oswaldo Coimbra (1993: 44-75) e Pena (2008: 11-17), selecionei nove itens que estão presentes na série de reportagens do jornal *Extra* sobre o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro. A seguir, apresento os itens com uma breve definição de cada um:

- a) Foco narrativo: é também caracterizado como ponto de vista através do qual se pode narrar o fato e/ou contar uma história. Pode apresentar-se como narrador testemunha em 1ª pessoa (o narrador é uma personagem secundária e apenas testemunha o fato), narrador protagonista em 1ª pessoa (ele é o personagem principal da história, que é contada a partir de suas percepções, pensamentos e sentimentos), narrador onisciente em 3ª pessoa (ele sabe tudo o que se passa na trama, inclusive o que as personagens pensam) e narrador dramático em 3ª pessoa (ele apenas narra os acontecimentos, as atitudes e falas das personagens).
- b) Linguagem narrativa: é a linguagem que dá origem a uma narração. Dependendo da intencionalidade do texto literário, ela se apresenta como uma linguagem realista ou linguagem metafórica.
- c) Contextualização: é o contexto em que a trama está inserida. É o tempo e o espaço onde acontecem os fatos, que podem estar interligados ou distribuídos de forma paralela.
- d) Tempo e Espaço: os personagens e o fato podem ser divididos pelo narrador num determinado período da narração (tempo cronológico, psicológico e físico) e também

podem ser distribuídos por lugares distintos do texto como espaço físico, social e psicológico.

e) Busca da subjetividade: a obra literária conta uma história segundo o ponto de vista subjetivo, que é próprio do escritor. Ele passa através de seu texto suas opiniões e também sentimentos sobre determinado assunto ou caso.

f) Complexidade dos personagens: É a forma como o autor/escritor dá vida a suas criaturas. A densidade psicológica é um elemento importante para distinguir as personagens quanto à sua composição. Elas podem ser classificadas como personagem plana (ela é construída em cima de uma única idéia ou qualidade), anáfora (ela só é compreendida dentro do texto e/ou nas relações que os elementos da trama mantêm entre si), redonda (é uma personagem bem marcada, revestida de complexidade. Seus traumas são revelados ao longo da narração), referencial (são personagens fixos, imobilizados por uma cultura. Pessoas conhecidas que são recriadas enquanto personagem) e figurante (é conhecido por sua função figurativa. Ocupa um lugar subalterno e passivo em relação ao evento narrado).

g) Criação e recriação da realidade: a partir de um fato real ou não, o autor recria a realidade, produzindo assim uma suprarrealidade.

h) Plurissignificação: proporciona diferentes interpretações e leituras, trazendo consigo novos significados aos vocábulos e, até mesmo, ao texto.

i) Perenidade: as obras perenes são aquelas que permanecem vivas por gerações, influenciando o imaginário coletivo e individual em diferentes contextos históricos.

Esses recursos são utilizados pelos escritores para construir suas obras literárias. Contudo, destaco com esse trabalho que esses itens poderiam ser utilizados pelos jornalistas na construção do texto noticioso. A seguir, aponto de que maneira a literatura pode emprestar elementos que colaboram para a elaboração do texto jornalístico e vice-versa.

3.2 Literatura e jornalismo: recursos de um no texto do outro

O jornalismo e a literatura possuem características que os definem e os separam. Contudo, eles podem incorporar recursos um do outro. No primeiro, os profissionais utilizam elementos literários para informar o público. Já no segundo, os escritores

incorporam elementos jornalísticos para a construção de sua obra. Se analisarmos essa intersecção dos gêneros chegamos à conclusão de que ambos têm em seu discurso a vida (o cotidiano) como tema. Eles utilizam-se um do recurso do outro para dizer alguma coisa ao leitor. Para o escritor Antonio Olinto, o jornalista assume o papel de um arquiteto literário na hora em que descreve para o leitor um acontecimento.

O jornalista que descreve, procura colocar o leitor em posição visual de compreender o acontecimento, a narrativa, como localizados num determinado espaço. Há, em geral, necessidade de serem reerguidas, pedaço por pedaço, as paisagens que circundam os fatos e têm, às vezes, com eles, íntima relação. É um trabalho de verdadeiro arquiteto literário, preocupado em construir ou reconstituir, os interiores e exteriores em que as cenas se passam, de um modo quase cinematográfico, modo que o século XX tornou mais comum no romance universal, como decorrência do cinema (OLINTO, 1968: 44).

O jornalista pode utilizar em seus textos noticiosos elementos literários como: personagem, tempo e espaço, figuras de linguagem, suspense e focalização. Às vezes, ele mistura o discurso da realidade com o ficcional. Para Marcelo Bulhões, a narratividade é o ponto essencial da confluência do jornalismo com a literatura.

Produzir textos narrativos, ou seja, que contam uma sequência de eventos que se sucedem no tempo, é algo que inclui tanto a vivência literária quanto a jornalística. E a narratividade possui conexão estreita com a temporalidade, o que significa dizer que se contam eventos reveladores da passagem de um estado para outro. Além disso, é bom não perder de vista que a narratividade está intimamente vinculada à necessidade humana de conhecimento e revelação do mundo ou da realidade. Aliás, não é por acaso que *narrar*, *narrador*, *narrativa* derivam de *narro*, vocábulo latino que significa “dar a conhecer” (...). Pode-se, por exemplo, lembrar que tanto a literatura como o jornalismo atuam como expedientes de conhecimento do mundo, sendo que a experiência literária parece preferir conhecer o mundo por meio da prática imaginativa e alegórica, a qual não é necessariamente menos “verdadeira” que a alternativa jornalística” (BULHÕES, 2007:40).

Para Motta (2006:95) a notícia deve ser sempre um relato objetivo dos fatos. No entanto, quando este assume a condição de insólito (sem-sentido), a linguagem da notícia tende a permitir formas mais narrativas (ou pseudonarrativas).

Segundo o autor, isso acontece porque “o insólito remete a fugas das significações homogêneas do mundo da vida”. Ele afirma que o caráter surpreendente de certos fatos parece exercer uma coerção literária sobre o jornalista e levá-lo a relatar os acontecimentos de uma forma narrativizada ou metafórica numa evidente demonstração da atração entre forma e conteúdo. Dessa maneira, a notícia suscita no leitor elementos como humor, revolta, indignação ou espanto. A utilização de elementos literários nesse tipo de notícia - que tem o insólito como matéria-prima - potencializa a mensagem tanto pelo seu teor quanto pela forma como é escrita. A forma e o conteúdo ficam unificados em totalidades significativas que se completam na recepção.

A literatura, por sua vez, também toma empréstimos do jornalismo, se apoderando dos índices de factualidade, como nomes, momentos históricos e acontecimentos reais, assim como atribuições de palavras (declarações e testemunhos), por exemplo. Vale ressaltar que durante o processo criativo, o poeta fica tão imerso na lapidação de seu texto que, para ele, o jornalismo nada significa. Mas, no entanto, não podemos descartar que o poeta trava um contato íntimo com a realidade, e que esta também é matéria-prima do jornalismo (OLINTO, 1968:56). O que acontece quando se trata da realidade é que a literatura interage de forma diferente do jornalismo. A primeira “se apropria de forma tão intensa que lhe suga perspectivas invisíveis para os olhos de pouco alcance” (ibid). Já o segundo, fica apenas no registro, no estudo, na explanação ou descrição da realidade.

Segundo Olinto, o poeta não teria nada a ganhar literariamente com o jornalismo, a sua linguagem independe de qualquer espécie de facilidade de manejo vocabular que o jornal lhe possa proporcionar. Contudo, a vantagem do jornal, para o poeta, estaria na possibilidade de entrar num conhecimento material de algumas faces da vida, capazes de sacudir o seu marasmo interior. O poeta poderia encontrar no jornal, um campo para compreender alguns excessos do homem, de sua emoção, de sua fidelidade, dos valores da vida humana capazes de extrair um rasgo de verdade (OLINTO, 1968: 58).

Carlos Alberto Vicchiatti (2005:38) discute as possibilidades de um jornalismo que se utiliza de elementos literários para compor uma informação que humanize a técnica jornalística e se mostre menos mecânico. O autor afirma que

jornalismo e literatura são elementos distintos, mas ele não renega o valor que essa convivência possibilita à atuação do jornalista. Vicchiatti atesta que o texto jornalístico pode (e deve) empregar uma linguagem que não esteja confinada ao limite do mero informar. Tal pensamento é compartilhado por Olinto, que associa o serviço diário do jornalista à utilização de uma linguagem fácil, que acaba tornando-se uma linguagem morta.

Premiado pela rapidez com que as notícias têm, em geral, de ser publicadas, o jornalismo é mais facilmente atingido pelo lugar-comum, pela forma convencional. O serviço diário obriga o homem de jornal a se utilizar de uma linguagem mais fácil, mas o que acontece é que, no caso, o fácil acaba sendo linguagem morta, que imobiliza a notícia em palavras sem repercussão nos que as lêem (OLINTO, 1968: 35).

A utilização do termo linguagem jornalística não significa que o jornalista escreva em uma linguagem especial, diferente da usada por todas as pessoas (VICCHIATTI, 2005:39). O que acontece é que para que seu texto seja assimilado, o jornalista se utiliza de uma linguagem que tenha uma compreensão fácil. Juarez Bahia (1990: 83) afirma que o jornalista deve conciliar o domínio da língua e a improvisação. O texto não deve ser nem medíocre, nem rebuscado. Pretendo demonstrar como o texto jornalístico pode informar o leitor sem menosprezar o seu poder de reflexão. Para isso, os recursos literários seriam elementos que o jornalista poderia utilizar em seus textos para criar uma matéria que vá além da reprodução do fato. É a idéia de que a inspiração que o poeta tem na hora de construir suas poesias, também está presente no exercício diário do jornalista, mesmo sabendo que este tem prazos a cumprir.

Ainda segundo Olinto (1968:40-41), só chegarão a um futuro mais longínquo, as reportagens que superarem o caráter imediatista do jornalismo e optarem pela criação de um texto que preze pela contextualização do acontecimento, evocando a verdade do fato observado. O que ele quer dizer é que diferente da literatura – o literato escreve o seu texto para posterioridade – o jornalismo lida com o fato de que o amanhã terá novas notícias e, com isso, o texto feito hoje não terá o mesmo valor no dia seguinte. Mesmo diante desse fato, o jornalista não deve se contentar com a fugacidade de seu relato. Pelo contrário, é nesse momento que a literatura poderia aliar-se à prática jornalística para compor

uma notícia que vá além do simples *lead*, do simples ato de informar. Olinto (1968: 50) afirma que “a cada instante, o jornalista esbarra com histórias reais capazes de se transformarem em obras de arte de jornalismo”. Contudo, ele adverte que o importante nesse contato é que o profissional mantenha intatas as suas reservas de emoção para o ato de escrever.

O jornalismo necessita atender às exigências da sociedade atual, globalizada (VICCHIATTI, 2005: 61). Para cumprir bem o seu ofício, o profissional utiliza a técnica no que concerne à forma de executar uma reportagem ou matéria, mas, segundo Vicchiatti, o jornalista precisa integrar, dialeticamente, o estético, o social e a técnica em sua atuação profissional. Nesse ponto, diante do argumento do estudioso, nota-se que a relação entre o jornalismo e a literatura se estabelece na estética de seus textos. A forma como o texto é apresentado é o diferencial entre o que é jornalístico e o que é literário. No próximo tópico, discutirei a noção de estética e sua relação com a literatura.

3.3 A estética e a literatura

Antonio Houaiss⁹ define estética como parte da filosofia voltada para a reflexão a respeito da beleza sensível e do fenômeno artístico. A estética seria uma ciência das faculdades sensitivas humanas, cuja perfeição consistiria na captação da beleza e das formas artísticas. Tanto a estética quanto a literatura foram temas de diversos autores, desde Aristóteles, na Grécia Antiga, até Martin Heidegger¹⁰, no

⁹ Antonio Houaiss (1915-1999) foi um intelectual brasileiro. Durante sua vida, ele foi escritor, crítico literário, tradutor, filólogo, diplomata e Ministro da Cultura. Em 1986, começou a escrever O *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, que só foi concluído após sua morte pelo co-autor Mauro de Salles Villar. Disponível em: <http://biblioteca.uol.com.br/>. Acesso em: 14/10/2011.

¹⁰ Martin Heidegger (1889-1976) foi um filósofo alemão. Ele é o principal representante alemão da filosofia existencial. Heidegger tem como problemática o sentido do ser. Sua obra aborda a questão de o homem estar mediado por seu passado. Para o autor, o ser do homem é um “ser que caminha para a morte” e sua relação com o mundo estaria ligada aos conceitos de angústia, preocupação, conhecimento e complexo de culpa. Disponível: <http://educacao.uol.com.br/biografias/martin-heidegger.jhtm>. Acesso em: 10/07/2011.

século XX. Não tenho por objetivo analisar essa trajetória, apenas situá-la no contexto literário ao qual a estética é um elemento fundamental.

Para o pesquisador Márcio Seligmann-Silva¹¹, a relação entre estética e literatura exige uma abordagem com um viés duplo. Para ele, do ponto de vista da teoria estética, a literatura sempre ocupou um local central. Já a estética, antes mesmo do surgimento propriamente dito da disciplina “Estética”, já se ocupava de textos da literatura. Outro fator apontado pelo estudioso é que do ponto de vista da produção literária e da disciplina que a estuda, a Teoria Literária, a estética aportou importantes idéias e deixou nela uma marca profunda, impossível de ser contornada. O que ele quer dizer é que estética e a literatura são atualmente elementos indissociáveis.

Para explicitar essa questão, Silva (2010) vai ao nascimento da teoria da estética, em 1750, para elaborar melhor a relação entre literatura e estética. O termo foi criado pelo alemão Alexander Gottlieb Baumgarten, a partir de questões tanto filosóficas quanto literárias. A Estética desenvolveu-se enquanto uma ciência que tenta fazer uma mediação entre o absolutamente único (que seria o individual percebido na natureza, como a obra fruto do “gênio”) e o universal (campo ao qual a arte pertenceu até o século XVII). Ainda segundo o professor, a teoria estética teria sua base na ligação entre o indivíduo e o mundo, entre o sujeito e o objeto. A Estética é a disciplina que se desenvolveu para dar conta dessa “ponte” entre a percepção e o conceito, entre o individual e o imagético, entre o universal e o conceitual.

Nas últimas décadas do século XX houve uma dissolução das fronteiras entre a Estética e a Teoria Literária. Para Silva isso ocorreu devido a uma crise das disciplinas das humanidades devido ao surgimento de novas abordagens e de novos temas. Ele cita como um desses fatores a midialogia¹², que incorporaria elementos

¹¹ Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/estetica-e-literatura/>. Acesso em: 25/10/2011.

¹² Midialogia é o estudo dos meios de comunicação (mídias) e seus reflexos na sociedade e na cultura.

dessas duas tradições. Ainda segundo o professor, a literatura é concebida cada vez mais como imagem e, para ele, a estética tem uma grande dependência em relação à literatura.

A seguir, pretendo evidenciar a relação entre o jornalismo e a estética, mostrando como essa interação pode ser capaz de produzir um texto final mais elaborado.

3.4 A estética e sua influência no jornalismo

Um dos desafios do jornalismo no século XXI consiste na reformulação dos princípios e valores básicos que orientam seu olhar para o mundo. Contrapondo-se ao fragmentado, surge a contextualização e, nessa abordagem está a necessidade de o jornalismo se preocupar também com a estética da informação. Segundo o pensamento desenvolvido pelo professor Vicchiatti, a estética complementar a prática jornalística.

O jornalismo, mesmo com a obrigatoriedade de manter-se fiel aos fatos, vai-se permitindo avanços lentos, mas precisos, em direção à utilização de elementos da literatura. Dos *textos frios*, apenas tecnicamente corretos, os profissionais de imprensa partem em busca de maior identificação com o leitor, recheando informações com histórias de vida, trazendo emoção e sentimentos para revelar o colorido dos fatos cotidianos (VICCHIATTI, 2005: 85).

A estética teria a função de fugir da reprodução tecnicista do *lead* clássico. Para ter um jornalismo preocupado com a estética é necessário que o jornalista saiba utilizar os signos, afinal, eles fazem parte da ação humana e do contexto social (VICCHIATTI, 2005:36). Eles são indissociáveis da linguagem. A linguagem é um sistema de signos capaz de representar, através de alguma substância significativa (som, gesto, imagem), significados básicos que resultam de uma interpretação da realidade e da categorização mental dos resultados dessa interpretação (ABAURRE, PONTARE & FADEL, 2000:1). Vale ressaltar ainda que a linguagem decorre das práticas sociais de uma cultura humana e as representa e modifica. É por isso que as linguagens desenvolvidas pelo homem pressupõem

conhecimento, por parte de seus usuários, do valor simbólico de seus signos. Se não houvesse acordo com relação a esse valor, qualquer interação através da atividade da linguagem estaria prejudicada, uma vez que não haveria comunicação. Portanto, para a prática jornalística é fundamental que o repórter tenha amplo conhecimento dos signos. Assim, seu trabalho busca uma composição das palavras que melhor comuniquem a mensagem ao leitor.

Os profissionais que rompem com a rotina do estilo jornalístico estão se revelando capazes de uma enunciação (codificação verbal) mais detalhada (VICCHIATTI, 2005:87). Ao trazer para os jornais as emoções do cotidiano, que são frutos da própria vida, o jornalista cria uma abordagem mais sensível dos fatos. Ele não se prende mais às enunciações tradicionais, com suas fórmulas rígidas e fechadas. Ele busca um aprofundamento da notícia, uma avaliação de seus efeitos, um entendimento de suas causas. Em boa parte, a mudança na atitude do jornalista de deixar de ser um mero reproduzidor do fato para assumir uma postura mais ativa na produção da notícia está intimamente associada à contribuição que a literatura (e, portanto, a estética) teria na prática jornalística. Para a professora Bete Duarte, a linguagem literária não contribuiria só com sua estética ao texto jornalístico. A literatura também serviria de fonte para uma compreensão e interpretação melhores do mundo por parte do jornalista.

A literatura não precisa representar apenas um modelo estético para a narrativa jornalística. Pode, também, ser uma fonte de abastecimento para o jornalista, na medida em que lhe possibilita um maior contato com o mundo, com suas realidades e seu imaginário. São livros que leu e as vivências enriquecedoras da fantasia e da imaginação que provavelmente dão sabor aos textos que escreve. A formação acadêmica desvenda os mistérios da técnica, que implica a maneira mais adequada de dar forma para melhor apresentar o conteúdo. Mas jornalismo vai muito além da técnica, necessita de uma grande parcela de imaginação por parte do jornalista para que a construção de seu texto não se restrinja à retratação fria e distanciada dos fatos (DUARTE apud VICCHIATTI, 2005:89).

A utilização da literatura e a preocupação com a estética no jornalismo proporcionam a humanização do texto jornalístico. Para Motta (2002: 20), se as notícias são, por um lado, o espelho da realidade, por outro, também são cenário

das tragédias, relatos dos conflitos e dramas humanos, e, por isso, são carregadas de sentidos subjetivos, de emoções e tensões. Mais ainda, as notícias não contam as histórias na sua integralidade, elas são apenas fragmentos recolhidos do real. Para o autor, as notícias são como obras abertas, relatos fragmentados da realidade que geram lacunas de significados, solicitando aos leitores a ação cooperativa de complementação de sentidos. A idéia é que o texto jornalístico possa permitir a reflexão do leitor e, com ele, construir sentidos.

Na teoria da recepção de Wolfgang Iser (ISER apud MOTTA, 2002: 24), quando o texto é lido, ele aciona a imaginação do leitor, que reage aos estímulos recebidos, e dá vida àquilo que foi lido. Como nenhuma história pode ser contada na íntegra, diz o autor, o próprio texto é pontuado por lacunas e hiatos que têm de ser negociados no ato da leitura. O texto se apresenta como um jogo, uma interação entre o que está expresso e o que não está. E o leitor reage não apenas às instruções dadas pelo texto, mas também aos resultados de sua própria atividade ideacional, sempre que se fizer necessária uma complementação.

A idéia discutida nesse trabalho é que a linguagem pode (e deve) ser trabalhada além da simples formalidade do *lead*. Mesmo diante dos prazos que uma redação de jornal exige, o jornalista pode utilizar o seu conhecimento e a técnica que aprendeu para criar um texto rico em sentidos, com uma linguagem viva, que faça o leitor interagir e refletir sobre o que está lendo. Esse trabalho não tenta desmerecer em nenhum momento a técnica, mas ressaltar outros elementos, que juntamente com a técnica possam potencializar o trabalho do jornalista

No próximo capítulo, analisarei as reportagens do jornal *Extra* aplicando os conceitos elaborados até aqui sobre jornalismo e literatura. Pretendo evidenciar como os jornalistas do impresso utilizaram certos recursos literários nas reportagens sobre o massacre da Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro.

4. O JORNAL *EXTRA*

O jornal *Extra* foi lançado em 1998. A proposta do impresso era valorizar a relação entre o veículo de informação e o seu leitor. O público teria papel fundamental nas notícias produzidas no diário. As suas histórias e angústias serviriam de matéria – prima para as páginas do impresso. A participação do leitor era um dos itens que o novo jornal estimulava à época das campanhas de lançamento. A Infoglobo Comunicações, empresa responsável pelo impresso, criou uma ação de marketing, que permitia o futuro leitor indicar opções de nomes para o novo jornal. Aquele que tivesse sua sugestão escolhida ganhava um carro zero. Foi assim que surgiu o nome *Extra*.

A valorização do leitor revela um traço característico da transformação que ocorreu com o jornalismo diário a partir dos anos 80. Os profissionais tornaram-se espécies de investigadores do cotidiano. A visão primordial do jornal era de que a ação diária da imprensa deveria ter uma utilidade social, servindo aos interesses dos cidadãos, ajudando os leitores a enfrentar as dificuldades. Para alguns autores, essa prática jornalística ficou conhecida como “jornalismo cidadão” (ABREU apud BARBOSA, 2007: 221).

A criação do jornal aconteceu num momento de revitalização dos impressos. Após dois anos de circulação, em 2000, o *Extra* tinha uma tiragem diária de 360 mil exemplares. No mesmo ano, ele atingiu a marca de 400 mil exemplares com a capa que estampou a fotografia da primeira vencedora do *reality show No Limite*, da Rede Globo, Elaine Castro de Melo. De acordo com Barbosa (2007: 222), três fatores foram fundamentais para o aumento de circulação de impressos em meados da década de 1990: impulso da economia, com a implantação do Plano Real, avanço tecnológico que aumenta a produtividade dos periódicos e esforços promocionais adotados pela maioria dos jornais nesse momento. E também a política de preço de capa abaixo da inflação permitiu o aumento direto das vendas. Segundo o relatório emitido pelo Instituto Verificar de Circulação (IVC) sobre o desempenho dos jornais impressos, o *Extra* está em quarto lugar no ranking nacional de vendas de 2010, com a marca de 238.236 exemplares. Em primeiro lugar está o diário *Super Notícia*, e em segundo e terceiro, respectivamente, *a Folha de S. Paulo* e *O Globo*.

O *Extra* é formado por três cadernos em formato Standard (*Extra*, *Jogo Extra* e *Sessão Extra*), que tratam de assuntos distintos. O primeiro caderno é composto pelas editorias Brasil, Bizarro, Economia, Tecnologia e Educação. O Segundo caderno, *Jogo Extra*, é sobre o mundo dos esportes. O terceiro caderno, *Sessão Extra*, pertence as editorias de Televisão, Cinema, Show e Vida Moderna. Além dos cadernos diários, o jornal tem suplementos semanais e especiais.

4.1 A denúncia como trajetória premiada

Em treze anos de circulação diária, o *Extra* alcançou números expressivos em vendas. Contudo, mais do que a parte comercial, o jornal se consolidou através das reportagens com o tom de denúncia. Os assuntos referem-se à vida dos próprios leitores, da própria sociedade. Essa característica começou a desenvolver-se nos anos 70, sob o regime militar, no qual a imprensa não podia falar abertamente sobre política. A fuga dos jornais foi revelar nas manchetes a vida do trabalhador, dos brasileiros e ressaltar as questões ambientais.

No instante em que a política como campo de debate e de polêmica foi apartada das discussões quotidianas apresentadas pelos jornais, há que se construir um novo lugar para essas mesmas polêmicas. Está montado, também sob o ponto de vista, o cenário ideal para o discurso jornalístico denunciador, mas agora em outras instâncias que não às nitidamente políticas. Os jornais publicam matérias cujo foco central é a investigação dos mais variados assuntos: desde as condições de vida dos trabalhadores até a poluição ambiental (BARBOSA, 2007: 227).

A utilização da reportagem como recurso no *Extra* mostra a preocupação de ter matérias que vão além da simples reprodução do fato. O aprofundamento permitido com as reportagens combina com o ideal de imprensa que preza a objetividade, a responsabilidade social e a transparência. Charles R. Wright percebeu esse movimento do jornalista reflexivo diante da realidade na década de 1960. Para o professor, a preocupação do jornalista deixou de ser o furo, e sim, a análise do fato, extrair e compreender o significado.

No lugar do jornalista ativo, emerge o jornalista reflexivo, racional, o pesquisador e *scholar*. O novo jornalista concebe seu trabalho como uma tarefa mais complexa do que a simples ação de ir ao local dos acontecimentos e registrá-los. O maior prêmio ao trabalho do antigo

jornalista era o furo, isto é, o ato de publicar antes dos outros a notícia. A palavra furo, se permanecer, terá de mudar de sentido. Significará não mais a façanha de chegar primeiro ao acontecimento. Antes servirá para distinguir o jornal ou revista ou televisão que faça a melhor cobertura desse acontecimento. Em nossos dias, a notícia ligeira não basta. Informar ao nível dos fatos visíveis e de superfície não é o suficiente. O novo jornalista se coloca diante da realidade numa posição crítica, observa-a e a analisa com os olhos de cientista que deseja extrair-lhe o significado, compreendê-la (WRIGHT, 1968: 130).

O *Extra* investiu nas denúncias e apostou no gênero reportagem ao longo de sua trajetória. Com isso, o impresso da Infloglobo Comunicações ganhou destaque nas principais premiações do país. No ano de 2002, o jornal ganhou seu primeiro *Prêmio Esso*¹³ na categoria fotografia com a obra de Wânia Corredo, *Execução em uma Rua de Benfica*. Em 2005, o jornal foi o vencedor na categoria Reportagem do *Prêmio Esso* com a matéria do jornalista Fábio Gusmão, *Janela Indiscreta*, que contava a história de uma senhora de 80 anos que filmou e denunciou o tráfico de drogas que funcionava em frente à sua janela, no bairro de Copacabana, zona sul do Rio de Janeiro. A mesma reportagem ganhou o prêmio *EMBRATEL*¹⁴, *Tim Lopes*¹⁵ de *Jornalismo investigativo* e menção honrosa no *Vladimir Herzog*¹⁶. Em 2006, o *Extra* ganhou o *Prêmio Esso*

¹³ *Esso* de Jornalismo é a mais tradicional e disputada premiação dos profissionais de imprensa do Brasil. O programa foi criado em 1955, com o nome de *Prêmio Esso* de Reportagem. O prêmio é dividido em diversas categorias que elegem os melhores trabalhos publicados anualmente. Disponível em: <http://www.premioesso.com.br>. Acesso em: 5/04/2011.

¹⁴ O Prêmio Imprensa Embratel existe há 11 anos. Assim como o Prêmio Esso, ele seleciona os melhores trabalhos realizados pela imprensa durante o ano.

¹⁵ Tim Lopes, jornalista da Rede Globo de Televisão, foi assassinado, em dois de junho de 2002, por traficantes da favela Vila Cruzeiro, uma das 12 favelas integrantes do morro do Complexo do Alemão, durante uma reportagem investigativa. O Prêmio Tim Lopes de Jornalismo Investigativo é, além de uma forma de incentivar a produção jornalista, uma maneira de homenagear o repórter. Disponível em: <http://www.timlopes.com.br/>. Acesso em: 20/10/2011.

¹⁶ Vladimir Herzog foi um jornalista nascido na Croácia, mas naturalizado brasileiro. Durante a ditadura militar, ele foi convocado por agentes do Exército para prestar depoimento sobre sua ligação com o Partido Comunista Brasileiro. No dia seguinte, 25 de outubro de 1975, Herzog foi encontrado morto, enforcado com sua própria gravata, numa cela. Embora a causa da morte levasse a conclusão de que ele tivesse cometido o suicídio, as fotos divulgadas do corpo iam contra essa hipótese. Na época, era comum que o governo militar divulgasse que suas vítimas de tortura haviam cometido o suicídio. Em 2009, foi criado o Instituto Vladimir Herzog, que cuida do Prêmio Jornalístico Vladimir Herzog de Anistia e Direitos Humanos, que premia as pessoas que trabalham com jornalismo e a promoção dos direitos humanos. Disponível em: <http://www.vladimirherzog.org/>. Acesso em: 5/11/2011.

Especial de Primeira Página com a manchete: “*Eles são sem-terra, sem respeito, sem educação e sem vergonha*”, que retratava a invasão do Movimento pela Libertação dos Sem-terra (MLST) no Congresso Nacional. No ano de 2007, o *Extra* ganhou na mesma categoria com a manchete: “*Autoridades já fizeram piada com a crise aérea, e quem chora somos nós*”. Já em 2010, o impresso ganhou um prêmio internacional da *Society for New Designs (SND)* na categoria Páginas/Design e Notícias por uma capa que homenageava o cantor norte-americano Michael Jackson, morto em julho de 2009.

4.2 A estrutura que deu certo

A utilização de uma linguagem popular e o formato simplista (o que não significa simplório) agradou o público de imediato. É o jornalismo popular com conteúdo. O *Extra* conseguiu tornar o fato significativo do ponto de vista do leitor. As matérias são escritas e direcionadas ao seu público-alvo - sem o empobrecimento da linguagem - o que ocorre com alguns impressos do gênero popular. Segundo as historiadoras Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2008: 228), “o bom jornalismo se pratica para o leitor, e não há leitores de segunda ou terceira categoria”. Todos merecem o mesmo rigor profissional, até os que se interessam pelos aspectos mais frívolos do mundo contemporâneo.

O conteúdo de um impresso tem como característica a vocação da universalidade. Ele visa à satisfação e o interesse do público, para atingir um consumo máximo. O *Extra* consegue diversificar através de suas editorias os assuntos e atrair tanto aquele que se interessa por economia e política quanto o que gosta de entretenimento e novelas. Tudo isso escrito de forma clara, mantendo um mesmo padrão de escrita, que caracteriza a identidade do impresso. A idéia é que a mensagem seja assimilada pelo leitor imediatamente. Os assuntos são equilibrados para estabelecer um denominador comum que integre adequadamente o informativo e o novelesco, o real e o imaginário. (XIFRA-HERAS, 1974: 151).

O sucesso de um impresso se deve à sua capacidade de prestar atenção ao seu público. O informativo deve procurar satisfazer os desejos e necessidades de seus

leitores. O jornal que mantém seus ideais atualizados e que tem pleno conhecimento do seu público, estabelece um vínculo permanente. Para isso, as grandes corporações realizam entrevistas com seus leitores, fazem análises de audiências, usam técnicas que possibilitem identificar e delimitar o seu público. Para o professor Jorge Xifra-Heras, o conhecimento da maneira pelo qual o receptor recebe a informação é fundamental para estabelecer um canal de interação entre o jornal e o leitor. O impresso serviria como um veículo de diálogo social.

(...) Com isto, procura aproximar-se do ideal que seria utilizar no jornalismo a mesma linguagem da sociedade a que se dirige. Serviria então de veículo ao diálogo social entre todos nós, pois os canais informativos são instrumentos a serviço da comunidade, na medida em que recolhem e divulgam os acontecimentos continuamente projetados pela vida humana (XIFRA-HERAS, 1974: 160).

A intencionalidade é intrínseca na relação entre imprensa e público. O jornal é criado a partir de uma pesquisa, que orienta e divulga as carências do mercado. Sendo assim, o impresso é um produto pensado para atrair o seu público-alvo. O *Extra* é um modelo bem-sucedido de jornal que atende plenamente as expectativas de seus consumidores. Ele cumpre o papel que foi proposto na época de lançamento, contudo, ele não surpreende em sua proposta, já que é um produto que segue uma tendência de mercado, que tende a valorizar cada vez mais o leitor.

4.3 Extra, extra! Massacre em escola municipal do Rio de Janeiro!

No dia 7 de abril de 2011, Wellington Menezes de Oliveira, 23 anos, ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, entrou no local se passando por um palestrante. Dentro do prédio, em Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, ele invadiu a sala de aula do nono ano (antiga 8ª série) e disparou contra os alunos. A partir desse momento, Wellington começou uma verdadeira caça aos estudantes da escola. Ao todo, o ex-aluno matou dez meninas e dois meninos naquela manhã. Todos com idade entre 12 e 14 anos. Após a denúncia de algumas crianças que fugiram do local, a polícia invadiu a escola. Sob a mira do sargento Márcio Alves, de 38 anos, Wellington levou um tiro no abdômen. Sem saída, o assassino suicidou-se com um tiro na cabeça. “O sentimento é de tristeza pelas crianças. Eu tenho filho nessa idade. Mas também é sentimento de

dever cumprido, impedi que ele chegasse ao terceiro andar e fizesse mais vítimas”, declarou o sargento, logo após o massacre, ao site da *Folha de S. Paulo*¹⁷.

Segundo as investiações da polícia, Wellington possuía traços de psicopatia. Contudo, alguns profissionais da área de psicologia discordam do diagnóstico, visto que o psicopata sente prazer em ver o sofrimento de suas vítimas, contudo, ele não tem propensão ao suicídio. Provavelmente, o assassino sofria de algum distúrbio neuropsiquiátrico. Nos perfis que Wellington mantinha nas redes sociais, ele dava destaque a temas religiosos e mostrava-se estudioso do islamismo. Outra hipótese levantada para o massacre era de que o ex-aluno sofrera *bullying* (termo inglês que significa valentão, designado para atos de violência física ou verbal) durante seus tempos de escola. Na casa de Wellington, a polícia encontrou cartas que o ligava a grupos extremistas islâmicos.

Horas após o episódio, a presidente do Brasil Dilma Rousseff disse que estava chocada e consternada com o acontecido. O Ministro da Educação, Fernando Haddad fez um pronunciamento no qual disse que o atentado havia sido uma tragédia sem precedentes no Brasil. O massacre virou notícia fora do país e repercutiu nos sites britânicos *The Guardian*, *BBC*, *The Daily Telegraph*, nos norte-americanos *MSNBC*, *The New York Times* e *CNN*, no espanhol *El País* e no argentino *Clarín*. No Brasil, o episódio teve repercussão extensiva na televisão e nos impressos durante os dias seguintes a tragédia.

4.4 Foco: a cobertura do jornal *Extra* sobre a tragédia na escola de realengo!

A cobertura do jornal *Extra* sobre o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira foi intensa após os dois dias seguintes a tragédia. O impresso circulou com um suplemento especial sobre o episódio, contando, em detalhes, o que aconteceu naquela quinta-feira, dia 7 de abril. O jornal de sexta-feira, dia 8, era composto por um caderno com 12 páginas dedicadas ao assunto. No sábado, dia 9, o jornal *Extra* tinha um suplemento com oito páginas sobre o massacre. Nele, continha: o perfil do assassino,

¹⁷ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/901330-policiais-que-atuaram-contr-o-massacre-sao-promovidos-no-rio.shtml>. Acesso em: 10/06/2011.

das vítimas, as histórias dos sobreviventes, os planos do governo para melhorias na educação, os velórios das vítimas e os depoimentos dos familiares. Durante os dez dias posteriores à tragédia, o jornal deu destaque diário ao acontecimento.

A investigação desse trabalho acerca da existência de recursos literários nas narrativas do jornal *Extra* detém-se as reportagens compreendidas entre os dias 8 e 10 de abril. Para esta análise foram escolhidas algumas reportagens que tinham como assunto o massacre da escola de Realengo.

A análise do jornal *Extra* preocupou-se, inicialmente, em identificar os recursos literários utilizados na reportagem sobre o massacre de Realengo e classificá-las de acordo com a tipologia proposta pelos autores José Domingues Maia (1991), Oswaldo Coimbra (1993) e Felipe Pena (2008). Utilizando-se dos recursos textuais descritos por esses estudiosos, este trabalho tem por objetivo mostrar que a relação entre o jornalismo e a literatura é muito estreita, e, que, muitas vezes os gêneros se utilizam um dos recursos do outro na criação textual.

Para Olinto (1968:48), “toda reportagem é, de início, um conto, um conto que o jornalista escreve baseado em coisas presentes, atuais”. O que ele quer dizer é que assim como o conto, a reportagem tem um trabalho de seleção, um foco de atenção sobre um pedaço do tempo. A reportagem procura o objetivo, o importante, o significativo, o que de válido possa existir num fato. Olinto ainda aponta que muitos jornalistas não conseguem descobrir, no acontecimento que tem em mãos, a beleza latente, a verdade que o leitor precisa saber através das palavras. Seria através da combinação entre a técnica jornalística com o conhecimento amplo dos recursos literários, que o jornalista construiria um texto que tivesse como missão não apenas a informação, mas, também, a reflexão.

Permito-me citar mais uma vez Pena (2008:13-16) quando este coloca a perenidade como um elemento fundamental no jornalismo literário. Essa característica é um dos objetivos que o jornalista deveria ter em mente na hora de narrar um fato. O repórter não deveria escrever apenas para o amanhã, ele deveria buscar em seu texto a permanência no imaginário do leitor. Esse atributo faz com que a informação não seja descartada por aquele que a lê. Pelo contrário, o leitor analisa cada dado transmitido pelo repórter, para que através de sua reflexão, ele tenha uma conclusão genuína. Diante desses argumentos, eu reafirmo a minha opção pela reportagem para analisar a

construção textual do jornal *Extra* e identificá-las de acordo com os recursos literários empregados pelos jornalistas do impresso.

4.5 O jornal *Extra* e os recursos literários na reportagem

No suplemento editado pelo jornal *Extra* no dia 8 de abril encontra-se na página 17 um breve perfil do assassino, Wellington Menezes de Oliveira, intitulado pelos jornalistas Clarissa Monteagudo, Guilherme Amado e Herculano Barreto Filho de “A Besta”. O texto constrói o mundo em que vivia aquele jovem que iria tornar-se um assassino frio e cruel. Mais do que preocupados em responder as perguntas que compõem o *lead* clássico (Quem? O quê? Quando? Como? Onde? Por quê? Para quê?), os jornalistas se detiveram nos detalhes para construir o texto da reportagem.

De segunda a sexta-feira, centenas de crianças passam em frente à malconservada casa de dois andares da Rua José Fernandes, em Sepetiba. Não podia ser diferente. No quarteirão do outro lado da rua há três escolas, com estudantes de séries e faixas etárias diversas. Dentro da casa, escondido pelo mato que aos poucos encobre o terreno, morava há oito meses o monstro, animal, psicopata, terrorista, que invadiu a escola de Realengo e matou doze estudantes. Eram crianças e jovens como os que ele, Wellington Menezes de Oliveira, via passar na sua porta todos os dias.¹⁸

O primeiro parágrafo da reportagem apresenta-se como um enredo, que revela o cenário para o leitor. Só depois dessa narração é que os jornalistas introduzem o personagem, dotando-o de características que o transformam numa personalidade complexa e que preparam aquele que lê para os próximos passos dessa narrativa. Os jornalistas rompem com as correntes do *lead* clássico, aplicando técnicas literárias na construção da narrativa.

Acostumado a desviar o olhar e abaixar a cabeça ao passar pelos vizinhos, Wellington nunca participava das brincadeiras de rua. Só se aproximava do campinho de areia cercado por **grades enferrujadas**

¹⁸ AMADO, Guilherme; BARRETO, Herculano & MONTEAGUDO, Clarissa. A Besta. Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 8 abr. 2011. Suplemento Especial, p.17

(grifo meu), em frente à casa, para assistir. Nunca teve muitos amigos, nem foi visto com namorada.¹⁹

Ao chegar ao terceiro parágrafo, o leitor encontra através da narração dicas que o orientam durante a leitura. Cabe ao leitor fazer as interpretações necessárias e, junto com o seu conhecimento do mundo, preencher a informação que falta para construir sentido. Percebe-se que desde cedo Wellington nunca se portou como as crianças de sua idade. Pela maneira como o texto foi conduzido, fica evidente que existia um desvio de conduta do assassino. A apuração detalhada dos jornalistas potencializa a descrição do fato, gerando uma contextualização ampla para o leitor. Vale ressaltar que eles não se contentaram apenas ao que foi indagado por suas fontes (vizinhos, os amigos de escola, os parentes mais próximos e etc.). A apuração estava presente também na atenção aos detalhes do bairro onde Wellington morava. Dessa forma, cada item percebido serviu para criar (ou recriar) através da textualidade o cenário que coube ao leitor construir no seu imaginário.

Na juventude, quando começou a trabalhar, só mudava o itinerário diário para ir à igreja evangélica, *Testemunha de Jeová*, com os pais adotivos. Com calça social, camisa para dentro e uma maleta, onde carregava livros evangélicos. Quando os pais paravam para conversar com alguém, Wellington seguia caminhando, retardando os passos, para que os pais o alcançassem. Apesar da apatia, nunca faltou ou chegou atrasado ao trabalho. Nunca teve desentendimentos. Nem levantou a voz para quem quer que fosse. A mãe costumava dizer aos vizinhos que ele era inteligente, sem questão de disfarçar o orgulho. Orgulho que as mães das crianças mortas ontem por ele não poderão sentir.²⁰

No parágrafo final, destaca-se que a narração está inserida em um tempo e espaço no qual os personagens estão distribuídos. É importante ressaltar que encontramos técnicas de narração comuns tanto ao jornalismo quanto à literatura na

¹⁹ AMADO, Guilherme; BARRETO, Herculano & MONTEAGUDO, Clarissa. A Besta. Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 8 abr. 2011. Suplemento Especial, p.17

²⁰ AMADO, Guilherme; BARRETO, Herculano & MONTEAGUDO, Clarissa. A Besta. Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 8 abr. 2011. Suplemento Especial, p.17

reportagem como (vide capítulo 3): foco narrativo, contextualização e busca pela subjetividade. Contudo, a complexidade do personagem e a criação e recriação da realidade são características da literatura.

Ainda no exemplar do dia 8 de abril, na contracapa do suplemento especial sobre o massacre, o editor-executivo do *Extra*, Marlon Brum, fez um artigo no qual analisava o impacto que a tragédia na escola de Realengo significava para a sociedade brasileira. O texto é narrado em primeira pessoa pelo jornalista.

Há exatamente uma semana, na sala de parto de uma maternidade carioca, eu acariciava, aos prantos, os cabelinhos ralos daquela menina linda que berrava para brindar a vida. Ontem de manhã, na sala de casa, bombardeado pelo noticiário da TV, voltei a deslizar as mãos pela cabecinha daquele bebê. Só que a emoção já não era a mesma. Naquele instante, pouco antes de vir para a redação do jornal, o sentimento que me dominou foi um só: bem-vinda ao mundo cão, Manuela.

O massacre da escola de Realengo não tem precedentes na história criminal do Rio. Seguindo o preceito jornalístico e instintivo de quanto mais próximo, pior, a brutalidade cometida na Zona Oeste por um jovem insano foi capaz de fazer emergir na sociedade uma coletiva sensação de impotência, de espanto, de choque. O Rio, ontem, parecia prostrado, sem forças para reagir. Neste caso, pela particularidade de não haver culpados, de não se enxergar atenuantes, de não existir um Cristo, nada a nos expiar, o peito parece apertar mais. Agora, não há ira, clamor, indignação. É só assombro e dor.

Diferentemente de outras manifestações extremas de violência – e o Rio é pródigo em produzi-las – o caso da escola da Zona Oeste é singular. Quando o garoto João Hélio foi arrastado pelas ruas da Zona Norte, metemos a polícia no pau-de-arara e as entidades de proteção ao menor que não impediram a ação de um bandido mirim. Na Chacina da Candelária, o sofrimento contrastou com a revolta novamente contra PMs que fizeram justiça com as próprias mãos. Da mesma forma, com Vigário Geral. Nas sucessivas tragédias das chuvas, que nos impelem ao pranto ano após ano, os políticos assumem feição de Judas. E, ao metermos o malho, isso parece nos remir de alguma maneira. Agora, não.

Culpar a polícia, a Guarda Municipal, o prefeito, o governador, o diretor da escola, o raio que os partam... Não, não e não. Ao nos depararmos com uma exibição de tamanha barbárie, a sensação de incapacidade de lidar com o imponderável nos atemoriza. E nos faz imaginar que dias piores nos espreitam. É o mundo, Manuela.²¹

O texto de Brum tem uma preocupação clara com a contextualização. Vicchiatti (2005: 33) caracteriza o texto estético como aquele que se preocupa com o leitor, com a

²¹ BRUM, Marlon. Uma tragédia que nos atemoriza ainda mais. Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 8 abr. 2011. Suplemento Especial, p.26

linguagem, com a sociedade, com o meio em que está inserido. O texto não se atém aos limites do noticioso, ou seja, não se restringe ao mero anunciar. Ainda de acordo com Vicchiatti, a mensagem informativa deve aliar o compromisso prioritário com a inteligibilidade e a possibilidade de uma reelaboração crítica dos conteúdos transmitidos. O relato em primeira pessoa de Brum provoca a humanização do texto. O jornalista utiliza um personagem alternativo para narrar o acontecimento e fazer um paralelo com outros fatos ocorridos na sociedade brasileira. Esta é uma das características evocada por Pena (2008:14) sobre o jornalismo literário. Ele afirma que para conseguir contextualizar ao máximo a informação, no curto espaço de tempo de um jornal, o repórter precisa mastigar a informação, relacioná-las com outros fatos, compará-las com diferentes abordagens. É exatamente isso que Brum faz em seu texto. Outro detalhe importante é que o jornalista não teme a subjetividade. O seu relato é construído para emocionar o leitor. Esse é outro elemento evidenciado por Pena no conceito da estrela de sete pontas.

No dia 10 de abril, o jornalista do *Extra*, Guto Seabra, fez um perfil de Wellington que tinha o seguinte título: “Peça a peça, o retrato de um assassino cruel e macabro”. O diferencial desta reportagem é a presença de características peculiares da literatura como a criação e recriação da realidade, complexidade do personagem e, também, marcas da linguagem figurada e subjetiva. Abaixo, apresento uma passagem que é construída pelo repórter através da metáfora.

Da porta de sua casa, na Rua Jequitinhonha, em Realengo, Wellington Menezes de Oliveira avistava o campo de terra batida sempre apinhado de meninos. A bola, o futebol e a convivência não eram nada atraentes ao garoto, que preferia ficar riscando o chão, sentado à calçada, isolado em seus pensamentos. Menino bobo da sala, desprezado pelas meninas e ridicularizado nas brincadeiras, cresceu sob a solidão, mergulhou no mundo da internet durante a juventude e construiu, peça a peça, uma crueldade²².

Seabra assina uma das reportagens mais marcantes dessa análise pela sua tentativa de narrar o texto utilizando-se de recursos literários.

No universo de Wellington não havia espaço para mais ninguém. No colégio, **se espremia mais no mundinho próprio (grifo meu)** a cada

²² SEABRA, Guto. Peça a peça, o retrato de um assassino cruel e macabro. Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Geral, p.3

vez que era motivo de chacota. **Era o menino mais bobo da sala de aula. As meninas não lhe davam bola (grifo meu).** Apelidos eram criados (...). Havia quem duvidasse de sua masculinidade e criaram o coro de “veadinho”. Por mancar de uma perna, virou “Suingue” na boca dos gozadores. Sem entrosamento com os demais alunos, Wellington foi colocado na lata de lixo do pátio.²³

O jornalista distribui os personagens em um período de tempo e espaço, que é uma das características do jornalismo literário. O texto imprime a subjetividade do autor. Ele não redime o ato terrível de Wellington, mas coloca em questão a perseguição que o assassino sofreu durante os anos em que foi aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira.

Outra característica evocada por Seabra é a plurissignificação. O texto vai criando novos significados, cuja base é a conotação. Em um dos trechos da reportagem, o jornalista associa o emprego do assassino, num lava-jato, com o seu coração cheio de impurezas. “*Wellington conseguiu o primeiro emprego num lava-jato. Não retirou as impurezas do coração*”, afirma o jornalista. Em outro momento, o texto ganha mais uma metáfora. “*Na internet, viajava em suas desilusões para alimentar-se de monstruosidade*”, atesta Seabra. A palavra ganha no texto sentido diferente daquele que lhe é comum.

Wellington era frio. A comunicação interna – sua mente maldosa era calculista. Uma semana antes de matar crianças indefesas num ato brutal, o assassino visitou o diretor do colégio, Luiz Marduk, para pedir uma segunda via do histórico escolar. Covardemente, deu fim a vida de inocentes e fez questão de não deixar rastro de sua passagem pelo mundo ao sumir com o “HD” (disco rígido) do computador. Construído virtualmente, morto na invasão à escola, o monstro da Tasso da Silveira é real. Infelizmente²⁴.

O último parágrafo da reportagem mostra que o profissional escolheu palavras-chave para escrever o texto. Ele associa o histórico do assassino com o computador para utilizar elementos que remetam a esse “mundo”. O repórter compõe o texto através da antítese utilizando o virtual *versus* real. Outros elementos foram achados na matéria de Guto Seabra como (vide capítulo 3): foco narrativo, contextualização, criação e

²³ SEABRA, Guto. Peça a peça, o retrato de um assassino cruel e macabro. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Geral, p.3

²⁴ SEABRA, Guto. Peça a peça, o retrato de um assassino cruel e macabro. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Geral, p.3

recriação da realidade, linguagem narrativa, tempo e espaço, busca da subjetividade e plurissignificação. Mesmo diante de todos esses recursos, é importante ressaltar que o texto de Seabra não pode ser enquadrado como jornalismo literário. Percebe-se que os recursos literários que mais se sobressaíram foram as técnicas de narração (linguagem narrativa, tempo e espaço, retardação e foco narrativo). Existe uma preocupação na totalidade do texto com a linguagem padrão do jornalismo.

O texto de Antero Gomes, “Doze sonhos interrompidos”, também é um exemplo de como é possível utilizar alguns recursos da literatura para criar um texto jornalístico.

As doze crianças mortas na chacina de Realengo tiveram seus sonhos bruscamente interrompidos. Sob a proteção de parentes e amigos, até então elas viviam tranquilamente a possibilidade de um futuro. Desejavam ser modelos, atletas, militares, profissionais liberais... Mas no meio do caminho, como que no meio da noite e do sono, surge Wellington Menezes de Oliveira – um psicopata de 24 anos que vivia um pesadelo sem fim.²⁵

Gomes rompe com as correntes do *lead* aplicando técnicas literárias na construção da narrativa. O repórter volta no tempo e recria o ambiente seguro que aquelas doze crianças tinham até o fatídico dia em que encontraram Wellington. A apuração do jornalista é rígida e o seu relato é construído no detalhe. Essa é uma das características citadas por Pena que fazem parte do jornalismo literário. Destaca-se que, assim como Seabra, Gomes trabalha a escolha das palavras de seu texto. Ele utiliza a antítese entre sonho e pesadelo, que reforça o conteúdo da própria narração. Outro exemplo dessa escolha pelas palavras se dá no último parágrafo da matéria. “*Aficionado por computador, Wellington acostumou-se a dar control C (copiar na linguagem do computador) e control V (colar) no ódio que o alimentava todos os dias*”, finaliza Gomes. A construção narrativa se dá, também, pela seleção das palavras que exaltam as características do fato. Nesse último caso, o repórter alia a realidade do assassino, que vivia no computador, para marcar o texto com palavras pertencentes a esse universo eletrônico, como é o caso do *control C* e do *control V*.

Ainda no impresso do dia 10 de abril, Clarissa Monteagudo faz uma matéria que apresenta várias características do jornalismo literário citadas por Maia (1991), Coimbra

²⁵ GOMES, Antero. Doze sonhos interrompidos. Jornal *Extra*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Geral, p.4

(1993) e Pena (2008). A reportagem da jornalista falava sobre todas as pessoas que, de alguma forma, tentaram ajudar as crianças vítimas do atentado.

Um assassino aperta o gatilho 66 vezes contra crianças. Um batalhão de obstinados socorre e tenta salvar com suas mãos, coragem e força a vida de inocentes. Um atirador vê no rosto de meninas e meninos alvos a serem imolados por sua fúria. Um pai desesperado fura o bloqueio da polícia e encontra o filho com vida, mas continua correndo até socorrer, uma por uma, as meninas baleadas no corredor do colégio e levá-las, aos gritos, ao hospital.²⁶

O primeiro parágrafo de Monteagudo é construído por uma narração que intercala os personagens e os cenários. A repórter não se preocupa, nesse momento, em responder as perguntas clássicas do *lead*. Ela introduz o leitor na sua história e utiliza como recurso a narração dramática ao descrever para o leitor a sequência dos fatos apresentados no desenrolar do evento. O leitor visualiza diversas ações desempenhadas por personagens diferentes, através dos cortes que a repórter utiliza para alternar entre o assassino e o pai do estudante. Não é preciso dizer que o homem que arrisca a vida para salvar crianças é um herói, essa conclusão fica para quem lê a matéria. Nem mesmo é preciso dizer que a situação era de grande perigo. A construção do texto nos dá essa sensação de que se trata de uma tragédia.

Se as mãos assassinas de Wellington Menezes de Oliveira feriram covardemente e dilaceraram a história do Brasil com o primeiro atentado contra uma escola, um exercito de anjos da guarda correu para tentar acolher as vítimas. Vestidos de jaleco branco, munidos de uma Kombi de frete ou mesmo só com a força das próprias mãos, não importa. Estavam com a arma capaz de recuperar a dignidade humana diante de um crime bárbaro: a solidariedade²⁷.

Monteagudo não segue o lugar-comum para construir sua reportagem. A apuração detalhada é fundamental para reproduzir aquele cenário que tomou conta de Realengo no dia 7 de abril de 2011. Ela potencializa os recursos do jornalismo com o detalhamento do fato.

²⁶ MONTEAGUDO, Clarissa. **Um exército de anjos da guarda**. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Geral, p.6

²⁷ MONTEAGUDO, Clarissa. **Um exército de anjos da guarda**. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 10 abr. 2011. Geral, p.6

Não procuro através dessa análise afirmar que o ideal para os impressos é investir no jornalismo literário, nem pretendo atestar que as reportagens do jornal *Extra* são um exemplo dele. A proposta desse trabalho é mostrar que a utilização de alguns recursos literários, incluindo, a preocupação com a estética da informação, podem auxiliar os jornalistas no seu ofício. Acredito que a preocupação em contextualizar o fato é fundamental para o leitor. E contextualização não se resume às seis perguntas do *lead*. Ela está na apuração detalhada do acontecimento e na maneira como o repórter escreve a sua matéria. A seguir, apresento uma entrevista com a repórter Clarissa Monteagudo. A jornalista fala sobre a importância da escrita no jornal diário e revela os bastidores da cobertura do *Extra* do massacre em Realengo.

5. POR DENTRO DO FATO

No dia 1º de novembro de 2011, encontrei com a repórter Clarissa Monteagudo na redação do *Extra*. Durante a nossa conversa, a jornalista falou sobre a cobertura do massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira. Apresentei a ela, também, o tema deste trabalho, e discutimos durante toda àquela manhã sobre jornalismo e literatura, e as diferentes formas de agregar os dois gêneros no impresso.

Segundo Monteagudo, as matérias produzidas sobre a tragédia em Realengo foram orientadas pelo diretor de redação, Octávio Guedes, para terem uma abordagem diferenciada do fato. “A gente fez uma reunião naquele dia e o Octávio disse que não queria cobertura de internet. Ele disse que queria que os repórteres deles ficassem soltos para trazer algo diferente para a redação”, conta a jornalista, que, relembra quais foram as suas preocupações naquele dia. “Pra ser sincera, a cobertura mais factual, eu nem me liguei. Eu quis andar pela rua, sentir o clima dos vizinhos, entrar na escola, ficar em frente à casa do assassino e notar o desespero das pessoas que conviviam com ele todo aquele tempo. Eu fui na *lan house* que ele freqüentava e sentei na cadeira que ele usava. O meu trabalho foi o de ir na padaria da esquina e ver o que as pessoas falavam”. Para a repórter, essa procura diferenciada da apuração está ligada ao fato de que os jornais competem atualmente com a internet e, também, com os outros meios de comunicação. “Por que o leitor vai sair de sua casa até uma banca de jornal para comprar uma notícia que a internet já deu no dia anterior?”, pergunta Monteagudo.

Para a profissional, o jornal tem que estar sempre um passo à frente. Além de se preocupar em contar essa história, o modo como se vai contar também tem que mudar. É nesse momento que a literatura pode ser um artifício para o jornalista escrever de forma diferente. “O *lead* já está na web. Naquele dia do massacre, todos os dados já estavam na internet em poucos minutos. Você busca outra abordagem sobre o acontecimento. Busca o personagem inusitado. O olhar diferente sobre a cidade”, revela, Clarissa, que afirma: “Ninguém deixou de ir ao cinema porque inventaram a televisão. Eu não acredito que o jornal acabe por causa da internet. Nem mesmo que um meio anula o outro. Mas eu acredito numa adaptação, uma adequação. O que está acontecendo é uma migração. Hoje, a internet faz o papel do jornal do passado, ao trazer o fato para o leitor. O jornal de hoje ganha uma cara de revista, aprofundando mais o

acontecimento, trazendo outras abordagens, e a revista fica cada vez mais especializada, com suas reportagens mais elaboradas, e por aí vai”.

Durante a entrevista, Clarissa revela que criou um termo para definir uma prática de escrita que utiliza em suas matérias. A “arqueologia do campo simbólico” seria a maneira com que o repórter poderia trabalhar a estética da informação selecionando palavras específicas, que pertençam ao campo simbólico do personagem. O que ela quer dizer com isso? Para exemplificar a sua teoria, Monteagudo usa o jogador de futebol como exemplo e diz que o campo simbólico dele vai da chuteira que usa até as “gostosas” que coleciona como namoradas. É nesse meio, cheio de símbolos, que o jornalista poderia selecionar palavras como: chuteira, trave, cartão vermelho, pênalti, e etc., para incorporar na sua narrativa. A repórter cita uma matéria do colega de redação, Antero Gomes, como exemplo do uso da arqueologia do campo simbólico no impresso.

Longe do mar assustador, Senhorinha Vidal, de 60 anos, ficou, à deriva, à beira do leito do filho nos últimos 15 dias. Alimentava-se de fé e esperança. Desde segunda, quando os médicos anunciaram a morte cerebral de Leandro Vidal Martins, de 34 anos, um dos seis pescadores resgatados, no último dia 29, após quase um mês perdidos no oceano, Senhorinha colocava a mão no coração do rebento e dizia: “Está batendo. Ele está vivo”. Nesta quarta-feira, após a trágica correnteza de acontecimentos, o rapaz morreu de falência múltipla dos órgãos.²⁸

A história de Antero Gomes é repleta de palavras que pertencem ao mundo simbólico do pescador. Para narrar à história de Leandro Vidal Martins, o jornalista seleciona as palavras para mostrar a angústia da mãe do jovem, Senhorinha Vidal. Ele usa nessa reportagem as seguintes palavras que pertenceriam ao campo simbólico do personagem: mar, à deriva, à beira (do mar ou do leito?) e correnteza. Todo o texto é construído seguindo esse princípio.

Depois de explicar com entusiasmo o termo criado, Clarissa adverte que quando o jornalista cria um texto subjetivo, ele precisa ter um cuidado maior com as palavras que usa em sua narrativa. “Quando o texto é mais subjetivo, você precisa tomar cuidado, palavra por palavra, senão você corre o risco de virar imaginação. E aí perde o

²⁸ GOMES, Antero. **Mãe não queria que filho trabalhasse no alto-mar**. *Jornal Extra*, Rio de Janeiro, 14 de jul. 2011. Geral, p.3

valor. A subjetividade mora no olhar sobre o fato, na sensibilidade, e não na criação do fato”, finaliza Monteagudo. Ainda sobre a matéria de Antero, ela revela que o jornalista só conseguiu produzir um texto diferenciado devido a sua apuração rigorosa. Clarissa ainda dá um conselho para os jovens jornalistas: “Você tem que contar o que realmente chamou a sua atenção. Aquilo que toca o seu coração. Você não pode deixar a matéria chata para o jornal e contar na mesa de bar para os seus amigos o que te chamou a atenção. E mais: estilo, você vai construindo ao longo dos anos, de forma segura”.

Antes de me despedir de Clarissa, eu pergunto de que forma a literatura ajuda no seu desempenho como jornalista. Ela não nega que o fazer literário tem importância no seu trabalho, mas, a repórter dimensiona de que forma isso acontece. “A literatura vai dar sensibilidade ao nosso olhar. Ela é o recheio, o confeito da matéria. O modo de contar é o confeito. Aí, você tem certa liberdade. Mas não é só porque você está fazendo algo literário que tem que ser rebuscado. A informação é a preocupação fundamental”, avisa Clarissa, que acrescenta: “Não é porque você vai escrever de forma literária que você vai esquecer o rigor da apuração. Afinal, estamos falando de jornalismo”.

A seguir, comento os resultados dessa pesquisa e aponto também as conclusões retiradas da análise das reportagens do jornal *Extra* sobre o massacre na Escola Municipal Tasso da Silveira, no Rio de Janeiro.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este trabalho, apresento algumas conclusões. A primeira delas é de que é possível escrever matérias jornalísticas que sejam objetivas e contextualizadas. O repórter precisa estar atento na sua apuração para identificar as partes do contexto que o ajudarão a construir a sua matéria. Para escrever uma matéria mais detalhada, rica em informação, é necessário que o jornalista ultrapasse as barreiras do simples relato do *lead*. Dessa forma, ele permite que o leitor chegue a sua própria conclusão, através de seu raciocínio, construindo o sentido da notícia. É encarar aquele que lê o jornal como um sujeito ativo, capaz de interpretar o fato como um todo e não apenas como um fragmento selecionado pelo repórter.

Vejo a relação entre o jornalismo e a literatura como uma opção para o profissional de comunicação desempenhar o seu papel. Como já destaquei antes, a literatura e o jornalismo não estão separados por uma barreira intransponível. Pelo contrário, em alguns momentos, eles ultrapassam os limites que os separam, e juntos, constroem narrativas híbridas. A tarefa do jornalista é encontrar nessa união novas formas para utilizar uma linguagem viva, colorida, que possa produzir sensações no leitor. E, para isso, o repórter pode utilizar recursos literários em suas matérias. E as escolhas desses elementos estão condicionadas às particularidades de cada redator. Sendo assim, elas são variáveis de um texto para o outro.

Percebo que a objetividade jornalística está ligada à preocupação das empresas de comunicação em transmitir para os seus leitores a verdade dos fatos. Essa é uma possível justificativa para que, em pleno século XXI, o jornalista não inove na sua escrita e reproduza os fatos com sua linguagem objetiva, simples e direta. Essa característica, juntamente com o sentido industrial do jornal, obriga o repórter a fragmentar cada vez mais a informação para atender à demanda da empresa. Percebo, ainda, que é nesse momento que a notícia perde em qualidade, pois o profissional já tem uma fórmula a seguir. Ele só precisa enquadrar a sua apuração nesse molde e mandar para a impressão. Mas o que pretendi com esse trabalho foi chamar a atenção para o fato de que não existe uma receita pronta para escrever para jornal. Ressalto que o ofício do jornalista se assemelha muito ao do literato. O trabalho de ambos consistiria, em tese, na seleção das palavras, na procura dos sentidos, na organização das idéias. Contudo, por

mais que o jornalista utilize recursos literários na hora de escrever, ele precisa restringir-se aos padrões jornalísticos impostos pelos veículos de comunicação.

Através da análise das reportagens do jornal *Extra*, constatei que o jornalismo mesmo com a obrigatoriedade de manter-se fiel aos fatos, vem se permitindo avanços na utilização de elementos da literatura. Existe um movimento de profissionais de comunicação que busca cada vez mais identificação com o leitor. Nota-se um investimento em histórias de vida que suscitem a emoção daqueles que lêem os jornais. Com isso, os textos ganham uma narrativa que valoriza a literatura, sem perder o seu viés jornalístico. É exatamente isso que pretendo afirmar ao final desta monografia. Ao liberta-se das amarras do texto tecnicista, o jornalista irá produzir uma narrativa jornalística mais contextualizada, com uma visão humanística sobre os acontecimentos da sociedade na qual está inserido. O uso da literatura não interfere no conteúdo da informação. O repórter ainda se atém a apuração rigorosa do fato e ao compromisso com a verdade, mas o seu modo de escrever fica mais humano ao valorizar a literatura e a estética em seu texto.

Ressalto que seria através da seleção de palavras e da utilização de recursos literários que o jornalista produziria um texto mais elaborado. Não pretendi desqualificar, em momento algum, a técnica jornalística e o que vêm sendo feito nos jornais atualmente. Esse não foi o meu propósito. O meu objetivo foi mostrar que existem mais caminhos para a prática jornalística. E cabe a cada profissional escolher a forma que mais lhe agrada. Contudo, acredito que o estilo de escrita é um processo de amadurecimento profissional. É com o passar dos anos que ele vai aprimorando seu texto. E, dessa forma, vai se permitindo desbravar o campo das palavras para encontrar outros significados. É fruto de um processo que integra o conhecimento da prática à experiência adquirida ao longo dos anos, e também a vontade de descobrir novas possibilidades. Destaco, ainda, que o jornalista preocupado com a estética mostra com sua técnica todo o contexto do fato narrado. Ele noticia o “agora”, mas mostra o “antes” e seus desdobramentos. O profissional mostra as muitas conseqüências do fato.

Ao término desta análise, posso concluir que o jornalismo e a literatura não são elementos que se repelem. Ambas as linguagens podem ser complementares e contribuir para a qualidade da narrativa jornalística. Minha conclusão se baseia nos autores que discutiram amplamente este tema e na análise das reportagens do jornal *Extra*. A

literatura pode funcionar como uma inspiração para o jornalismo. Acredito que essa influência está na base da formação cultural do jornalista, uma vez que a literatura é uma fonte de conhecimento que o auxilia a adequar a técnica jornalística a um melhor estilo para apresentar o conteúdo.

Finalizo com a certeza de que não esgotei, com essa investigação, a relação entre jornalismo e literatura. Acredito que o cenário jornalístico brasileiro seja permeado por muitas experiências positivas que englobam essas duas linguagens em prol da informação. Procurei com este trabalho elucidar algumas questões que essa intersecção entre o fazer jornalístico e o fazer literário me despertavam como futuro profissional de comunicação. Desvendar para o estudante de jornalismo mais de uma maneira de se fazer um bom trabalho como repórter. Fecho esse trabalho com a certeza de que jornalismo é contar uma história com finalidade. Espero ter contribuído para tornar mais clara a discussão entre a literatura e o jornalismo, com suas particularidades e semelhanças, mostrando que ambos os gêneros podem, sim, emprestar os seus recursos um para o outro em prol de narrativas jornalísticas mais ricas.

REFERÊNCIAS

- BAURRE, Maria Luiza; PONTARA, Marcela Nogueira; FADEL, Tatiana. *Português: língua e literatura*. São Paulo: Moderna, 2000.
- BARBOSA, Marialva. *História cultural da imprensa: Brasil 1900/2000*. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.
- BARROS SILVA, André Luís. *Jornais e Literatura*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.
- BERNARDO, Gustavo. *Literatura e ceticismo*. São Paulo: Annablume, 2005.
- BOAS-VILLAS, Sérgio. *A hegemonia das aparências nas revistas*. Disponível em: <http://www.abjl.org.br/>. Acesso em: 10jul2011.
- BULHÕES, Marcelo. *Jornalismo e literatura em convergência*. São Paulo: Ática, 2007.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Literatura Brasileira*. São Paulo: ATUAL, 2001.
- CHARADEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.
- COSTA, Cristiane. *Pena de aluguel*. São Paulo: Cia das Letras, 2005.
- COIMBRA, Oswaldo. *O texto da reportagem impressa: um curso sobre sua estrutura*. São Paulo: Ática, 1993. Monografia (mimeo).
- CUNHA, Diogo da Silva. *Manchetes, títulos e suas formas de expressão: uma pesquisa histórica pelos uivos impressos, idiotas da objetividade e outros modos de ver*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Monografia (mimeo).
- DOMINGOS DE BRITO, José. *Literatura e jornalismo*. São Paulo: Novera, 2008.
- GOMES, Bruna Senos Queiroz. *Os vícios de crime no Rio de Janeiro: uma análise de discurso e seus reflexos sociais*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Monografia (mimeo).
- GONTIJO, Silvana. *O Mundo em comunicação*. São Paulo: Aeroplano, 2007.
- JOBIM, José Luís. *Introdução aos termos literários*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 2006.
- _____. *Linguagem jornalística*. São Paulo: Ática, 2006.
- MAIA, José Domingues. *Língua, literatura e redação*. São Paulo: Ática, 1992.

MARTINS, Ana Luiza & LUCA, Tania Regina de. *História da imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MELO, José Marques. *Comunicação: direito à informação*. São Paulo: Papirus, 1986.

MENDONÇA JORGE, Thaís. *Manual do foca*. São Paulo: Contexto, 2008.

MOTTA, Luiz Gonzaga. *Notícias do fantástico*. Rio Grande do Sul: Unisinos, 2006.

O'DONNELL, Julia. *De olho na rua: a cidade de João do Rio*. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

PENA, Felipe. *Jornalismo Literário*. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. *O jornalismo literário como gênero e conceito*.

Disponível em: <http://www.felipepena.com/download/jorlit.pdf>. Acesso em: 12/08/2011.

PROENÇA FILHO, Domício. *A linguagem literária*. São Paulo: Ática, 1986.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo. *Dicionário de Comunicação*. São Paulo: Ática, 1995.

SANTOS, Ana Paula Fernandes. *Jornalismo e a construção de sentidos*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 1999. Monografia (mimeo).

SANTOS, Fabíola Ortiz. *Os discursos da mídia carioca: reflexões sobre a violência urbana e suas representações coletivas*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2004. Monografia (mimeo).

SANTOS, Felipe Macon Pereira. *A crise da mídia: defesa da imprensa pelo senso comum*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2010. Monografia (mimeo).

SELIGMANN-SILVA, Márcio. *Estética e Literatura*.

Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2010/03/estetica-e-literatura/>. Acesso em: 25out2011.

SILVA, Juliana Felício. *Jornalismo popular e sensacionalismo – dois conceitos em dois contextos: os jornais O Dia, Última Hora, Extra nos anos de 1950 e 2000*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2007. Monografia (mimeo).

SOARES, Natália Gomes. *O jornal Extra e a construção de identidade do jornalismo popular através da hierarquização das reportagens*. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2006. Monografia (mimeo).

SODRÉ, Muniz. *A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. *Técnica de reportagem – Notas sobre a narrativa jornalística*. São Paulo: Summus, 1986.

TRAVANCAS, Isabel. *O livro no jornal*. São Paulo: Ateliê editorial, 2001.

VICCHIATTI, Carlos Alberto. *Jornalismo: comunicação, literatura e compromisso social*. São Paulo: Paulus, 2005.

WRIGHT, Charles. *Comunicação de massa: uma perspectiva sociológica*. Rio de Janeiro: Editora Bloch, 1968.

HABERMAS, Jürgen. *Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

Houaiss, Antonio. *O Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*
Disponível em: <http://biblioteca.uol.com.br/>. Acesso em: 14/10/2011.

XIFRA-HERAS, Jorge. *A informação: análise de uma liberdade frustrada*. Rio de Janeiro: Editora Lux, 1974.

Sites consultados:

<http://www.premioesso.com.br>. Acesso em: 5/04/2011.

<http://educacao.uol.com.br/biografias/martin-heidegger.jhtm>. Acesso em: 10/07/2011.

<http://www.timlopes.com.br/>. Acesso em: 20/10/2011.

<http://www.vladimirherzog.org/>. Acesso em: 5/11/2011.

ENTREVISTA:

Entrevista com Clarissa Monteagudo concedida ao autor em 1º de novembro de 2011.